

PROJETOS

**COMUNIDADE PRESENTE E
PREVENÇÃO TAMBÉM SE ENSINA**

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PREVENTIVAS PARA HTPC E SALA DE AULA

Governo do Estado de São Paulo

Governador

Geraldo Alckmin

Vice-Governador

Guilherme Afif Domingos

Secretário da Educação

Herman Voorwald

Secretário-Adjunto

João Cardoso Palma Filho

Chefe de Gabinete

Fernando Padula Novaes

Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE

Respondendo pelo expediente da FDE

Herman Voorwald

Chefe de Gabinete

Mauro de Moraes

Diretora de Projetos Especiais

Claudia Rosenberg Aratangy

Fundação para o Desenvolvimento da Educação
Avenida São Luís, 99 – República
01046-001 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3158-4000
www.fde.sp.gov.br



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

PROJETOS

**COMUNIDADE PRESENTE E
PREVENÇÃO TAMBÉM SE ENSINA**

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PREVENTIVAS
PARA HTPC E SALA DE AULA

São Paulo
2012

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

F981p Fundação para o Desenvolvimento da Educação.
Projetos Comunidade Presente e Prevenção Também se Ensina: sugestões de atividades preventivas para HTPC e sala de aula / Fundação para o Desenvolvimento da Educação. - São Paulo : FDE, Diretoria de Projetos Especiais, 2012 .
138 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-87028-35-8

1. Projeto Comunidade Presente 2. Projeto Prevenção Também se Ensina
3. Educação preventiva I. Título.

CDU: 616.89-008.441.3

Mensagem do Secretário

Senhoras e senhores educadores,

É com grande satisfação que apresento mais um conjunto de publicações para subsidiar as escolas na promoção e desenvolvimento de ações preventivas.

O “Kit 2012” dos projetos “Prevenção Também se Ensina” e “Comunidade Presente” contém sugestões de atividades, pautadas no eixo central dos Parâmetros Curriculares Nacionais e inseridas nos temas transversais, com metodologia participativa, que possibilita a abordagem das temáticas pelos educadores de todas as disciplinas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, em prol da melhoria da qualidade de vida, da convivência solidária e respeitosa no ambiente escolar.

A composição de assuntos trata de questões como bullying e cyberbullying, paternidade e maternidade na adolescência, preconceitos, diversidades, sexualidades, uso abusivo do álcool, tabaco e outras drogas e das diversas manifestações das violências.

Convido cada educador e cada educadora a refletir e a discutir com seus pares sobre esses assuntos, especialmente nas horas de trabalho pedagógico na escola (HTPC), de forma a incorporá-los em sua prática cotidiana, concorrendo para qualificar o processo de conscientização de nossos alunos em relação aos valores fundamentais da ética, da cidadania e de uma vida saudável.

Renovo a confiança e agradeço o comprometimento e a participação de nosso Magistério no processo de melhoria da qualidade da educação pública de nosso Estado.

Cordialmente,

Herman Voorwald

Secretário da Educação do Estado de São Paulo

Apresentação

Prezadas educadoras, prezados educadores,

Os projetos “Prevenção Também se Ensina” e “Comunidade Presente” completam, em 2012, dezesseis e quatorze anos, respectivamente.

São anos tratando com coragem, discernimento e informação as questões mais delicadas e espinhosas que fazem parte das vidas dos jovens no convívio escolar.

A rede estadual e seus educadores devem se orgulhar. Há dezesseis anos vimos encarando esses temas, de cabeça erguida, olhos nos olhos. Não fugimos dos assuntos polêmicos, não tapamos o sol com a peneira, não escondemos a sujeira debaixo do tapete.

Com conhecimento, planejamento, disposição e bons materiais, vocês, educadores, têm apoiado os jovens na compreensão das mudanças físicas e emocionais – tão difíceis – pelas quais, queiram ou não, têm de passar. Com conhecimento, ousadia, disponibilidade interna e bons materiais, vocês, educadores, discutem o impacto das violências – discriminação, preconceito, bullying – e, assim, ao deixar de negar a existência dos conflitos, os transformam em material de aprendizagem, em ponto de partida para o crescimento de todos. Com conhecimento, comprometimento, bons materiais e sem maniqueísmo vocês, educadores, têm acolhido, respondido, alertado e informado sobre o mundo ilusório do consumo – de drogas, álcool, de mídia.

E é por isso que estamos enviando mais um kit de ação preventiva com materiais de qualidade, informações consistentes e orientações úteis, de modo que vocês sigam fazendo o excelente trabalho que, sabemos, tem sido feito nas escolas.

Os temas não se esgotam e jamais se esgotarão. Eles podem se transformar, mudar de roupagem, mas as questões inerentes ao convívio, à adolescência, à própria vida não sempre de aparecer na escola. E nós, educadores, pelo bem de nossos jovens e crianças, temos sempre de nos manter atentos e disponíveis para aprender a lidar com ela – a vida.

Claudia Rosenberg Aratangy

Diretora de Projetos Especiais da FDE

SUMÁRIO

11	Para começo de conversa
12	Como este guia foi organizado
15	Tema 1 - Consumo consciente
19	Criança e Consumo
22	Criança, a alma do negócio
23	Tema 2 - Adolescências e sexualidades
27	O jeitão da turma
27	Anjos no aquário
27	Pai? Eu?
28	Adolescente: um bate-papo sobre sexo
29	Tema 3 - Gêneros e preconceitos
32	Corpo, gênero e sexualidade
33	Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade
33	Preconceito contra a “mulher”: diferença, poemas e corpos
33	Eu sou assim, viu?
35	Tema 4 - Bullying e outras violências
38	Bullying: intimidação no ambiente escolar e virtual
39	Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?
39	Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores
39	Em seu lugar
40	Era uma vez uma família
41	Tema 5 - Álcool, tabaco e outras drogas
44	Uso de drogas e prevenção: da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidade
45	Álcool, cigarro e drogas
47	Tema 6 - Prevenção às DST, HIV e aids
50	Adolescentes e jovens para a educação entre pares
51	HQ SPE

- 51 Manual de prevenção das DST/HIV/aids em comunidades populares
52 A B C D E das hepatites virais para agentes comunitários de saúde

53 CAIXA DE FERRAMENTAS

55 Ferramentas 1 – Consumo consciente

- 55 Construção coletiva – Por que se consome tanto?
58 Roda de conversa – Cuidando do planeta
59 Oficina – Reaproveitamento do que iria para o lixo
60 Jogo – Reciclagem
62 Educação de pares – Intervenção criativa

65 Ferramentas 2 – Adolescências e sexualidades

- 65 Construção coletiva – Como aprendemos? Como ensinamos?
68 Roda de conversa – Afetividades e sexualidades
70 Oficina – Fim da história
72 Jogo – Eu já quero ser pai? Eu já quero ser mãe?
75 Educação entre pares – Mapa do território

78 Ferramentas 3 - Gênero e preconceitos

- 78 Construção coletiva – Aja como mulher! Aja como homem!
80 Roda de conversa – Dizem por aí que...
82 Oficina – Homens e mulheres na mídia
84 Jogo – Como vai sua memória?
86 Educação entre pares – Fanzine

91 Ferramentas 4 - Bullying e outras violências

- 91 Construção coletiva – Restaurar a paz nas escolas é possível?
93 Roda de conversa – O que é violência?
94 Oficina – A violência que rola no cotidiano
97 Jogo – Tipos de violência
100 Educação entre pares – Jornal mural

103 Ferramentas 5 - Álcool, tabaco e outras drogas

- 103 Construção coletiva: Álcool, tabaco e outras drogas

105	Roda de conversa: Que droga!
107	Oficina – Em busca dos porquês
110	Jogo – Bingo das drogas
116	Educação entre pares – Teatro-fórum
119	Ferramentas 6 - Prevenção à DST/HIV e aids
119	Construção coletiva: Prazer e prevenção
121	Roda de conversa – Prevenção é a melhor coisa do mundo!
123	Oficina – Quero ou não quero?
125	Jogo – Cuidado e autocuidado
127	Educação entre pares – Mensagem para você
129	Departamento de Educação Preventiva
129	Projetos em andamento
129	Comunidade Presente
129	Prestadores de Serviços Gratuitos à Comunidade
130	Prevenção Também se Ensina
131	Materiais didáticos distribuídos para as escolas e oficinas pedagógicas das Diretorias de Ensino
137	Bibliografia

PARA COMEÇO DE CONVERSA

Não resta a menor dúvida de que a escola é o espaço decisivo para a construção de uma consciência crítica e para o desenvolvimento sistemático de práticas direcionadas ao autocuidado, ao cuidado com os outros e com o mundo em que habitamos. Nas palavras do filósofo Martin Heidegger, aliás, “é o **cuidado** que torna significativas a vida e a existência humana”¹.

Seja nos cuidados com a saúde – na escolha de ter ou não ter filhos, na prevenção às DST/HIV/aids e ao uso do álcool, tabaco e outras drogas – ou no enfrentamento a situações de preconceito e violência, temos presenciado inúmeras ações que têm como base uma visão mais ampla sobre o **cuidado** e, conseqüentemente, sobre como tornar o ambiente escolar um espaço mais protegido e prazeroso.

Em orientação técnica sobre prevenção, realizada pelo Departamento de Educação Preventiva (FDE) e pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (SEE) em junho de 2010, profissionais das 91 Diretorias Regionais de Ensino participaram de um levantamento com o objetivo de identificar os temas mais relevantes a serem pesquisados, adquiridos e enviados às oficinas pedagógicas e escolas da rede estadual de ensino.

Resultados do levantamento

Álcool, tabaco e outras drogas: neste tema destacou-se a relação da escola com as drogas lícitas e ilícitas; a prevenção ao uso; o alcoolismo na adolescência; o uso de drogas entre docentes e funcionários e as conseqüências de seu uso; como seria possível trabalhar a partir de ações redutoras de vulnerabilidade; como atenuar as situações de violência e uso do álcool, tabaco e outras drogas.

Preconceito, discriminação e violência: formas para diminuir as situações de preconceito e discriminação no contexto escolar; violência familiar; violência na escola e sala de aula; violência sexual; homofobia; violência institucional, entre outras. Alguns educadores sugeriram que se estabelecessem mais oportunidades para novas discussões sobre mediação de conflitos e outras formas de se estabelecer uma melhor convivência na escola envolvendo, inclusive, as famílias dos alunos.

1. Heidegger M. *Seminário de Zollikon*. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 2001. Apud SODELLI, Marcelo. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2010, vol. 15, n. 3, p. 637-44. ISSN 1413-8123. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000300005>. Acesso em: 6 nov. 2011.

Sexualidades, gêneros e gravidez na adolescência: de acordo com o grupo, a diversidade sexual merece maiores discussões. A perspectiva de gênero necessita ser retomada tanto no que diz respeito ao feminino quanto ao masculino, pois foi considerado um ponto fundamental para se lidar com as situações de gravidez na adolescência e a prevenção às DST/HIV/aids. A participação juvenil e o respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA foram apontados como caminhos necessários para as mudanças nas áreas da saúde sexual e saúde reprodutiva.

Hepatites virais: tema pouco falado nas escolas e que mereceu maior atenção por parte dos educadores. Vale lembrar que, por ser uma doença silenciosa e de pouca divulgação, muitas pessoas desconhecem que convivem com o vírus da hepatite B ou C e a possibilidade de contágio é muito maior do que em relação ao HIV.

Os resultados desse levantamento nos mostraram os caminhos para a seleção dos materiais que compõem este novo conjunto, do qual fazem parte 14 publicações, dois DVDs, um jogo e quatro CDs.

Como este guia foi organizado

Este guia foi organizado em duas partes: a **primeira** apresenta um texto introdutório sobre cada um dos temas escolhidos e a lista de materiais que foram encaminhados para as Diretorias de Ensino e escolas:

TEMA 1 – CONSUMO CONSCIENTE

TEMA 2 – ADOLESCÊNCIAS E SEXUALIDADES

TEMA 3 – GÊNEROS E PRECONCEITOS

TEMA 4 – BULLYING E OUTRAS VIOLÊNCIAS

TEMA 5 – ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS

TEMA 6 – PREVENÇÃO ÀS DST, HIV E AIDS

Na **segunda** parte, a **Caixa de Ferramentas** foi organizada de modo a contemplar sempre uma atividade nas horas de trabalho pedagógico na escola (HTPC) – Construção coletiva; uma roda de conversa para se conhecer as percepções dos alunos em relação aos temas destacados em cada conjunto de materiais; uma oficina para o aprofundamento do tema; um jogo para facilitar a apreensão dos conteúdos e, finalmente, algumas ideias que poderão ser desenvolvidas em sala de aula e que, depois, poderão ser multiplicadas na escola utilizando-se a metodologia de educação entre pares, ou seja,

de jovem para jovem. Ao final de cada conjunto de técnicas de trabalho, apresentamos algumas sugestões de filmes, publicações e endereços da internet.

Esperamos que este material favoreça as reflexões e práticas voltadas para o cuidado pessoal e coletivo, bem como a proteção, a liberdade e a dignidade das pessoas, principalmente aquelas mais vulneráveis a situações de violência e agravos de saúde. E não há melhor forma de se alcançar estes objetivos do que conversar com adolescentes e jovens sobre seus direitos e mostrar que eles mesmos têm a capacidade de tomar decisões que sejam boas para sua vida.

Equipe do Departamento de Educação Preventiva

TEMA 1
CONSUMO CONSCIENTE

TEMA 1 – CONSUMO CONSCIENTE

Durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, no dia 20 de novembro de 1959, representantes de centenas de países aprovaram a Declaração dos Direitos da Criança. Ela foi adaptada da Declaração Universal dos Direitos Humanos, só que voltada para garantir às crianças o direito à liberdade, à educação formal, ao brincar e ao convívio social.

Declaração dos Direitos da Criança

- 1.** Todas as crianças são credoras destes direitos, sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, condição social ou nacionalidade, quer sua ou de sua família.
- 2.** A criança tem o direito de ser compreendida e protegida, e deve ter oportunidades para seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. As leis devem levar em conta os melhores interesses da criança.
- 3.** Toda criança tem direito a um nome e a uma nacionalidade.
- 4.** A criança tem direito a crescer e criar-se com saúde, alimentação, habitação, recreação e assistência médica adequadas, e à mãe devem ser proporcionados cuidados e proteção especiais, incluindo cuidados médicos antes e depois do parto.
- 5.** A criança incapacitada física ou mentalmente tem direito à educação e cuidados especiais.
- 6.** A criança tem direito ao amor e à compreensão, e deve crescer, sempre que possível, sob a proteção dos pais, num ambiente de afeto e de segurança moral e material para desenvolver a sua personalidade. A sociedade e as autoridades públicas devem propiciar cuidados especiais às crianças sem família e àquelas que carecem de meios adequados de subsistência. É desejável a prestação de ajuda oficial e de outra natureza em prol da manutenção dos filhos de famílias numerosas.
- 7.** A criança tem direito à educação, para desenvolver as suas aptidões, sua capacidade para emitir juízo, seus sentimentos e seu senso de responsabilidade moral e social. Os melhores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais. A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando aos propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.

8. A criança, em quaisquer circunstâncias, deve estar entre os primeiros a receber proteção e socorro.
9. A criança gozará proteção contra quaisquer formas de negligência, abandono, crueldade e exploração. Não deve trabalhar quando isto atrapalhar a sua educação, o seu desenvolvimento e a sua saúde mental ou moral.
10. A criança deve ser criada num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e em plena consciência de que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes.

Fonte: Declaração dos Direitos da Criança

Disponível em: <<http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/direitodacrianca.htm>>. Acesso em: 15 out. 2011.

De lá para cá muito se tem feito no sentido de aprimorar as leis que defendem estes direitos. *O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA* é um bom exemplo. Por outro lado, temos ainda muitos desafios no que diz respeito à proteção das crianças. E um desses desafios diz respeito ao **consumo**.

Basta ligar o aparelho de TV para nos depararmos com inúmeras propagandas, inserções mercadológicas em filmes e novelas. Da mesma forma que aos adultos, estes apelos da publicidade despertam nas crianças necessidades que não são reais e que, por outro lado, reforçam a desigualdade entre as pessoas e os estereótipos de gênero e raça/etnia.

Criado em 1994, o Instituto Alana tem como um de seus objetivos desenvolver atividades em prol da defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes no que diz respeito ao incentivo ao consumismo a que estas populações estão, muitas vezes, expostas.

Um dos trabalhos desenvolvidos pela organização – Projeto Criança e Consumo – busca, desde 2005, debater e apontar meios que possam minimizar os impactos negativos causados pelos investimentos maciços na mercantilização da infância e da juventude. Também faz parte das ações do projeto a luta pela proibição legal e expressa de toda e qualquer comunicação mercadológica dirigida à criança no Brasil.

A necessidade de trazer essa discussão para a escola, aliada ao ineditismo da proposta, fez com que os projetos Prevenção Também se Ensina e Comunidade Presente optassem por enviar a todas as Oficinas Pedagógicas das Diretorias Regionais de Ensino e escolas a série **Criança e Consumo**, composta por sete fascículos e o DVD *Criança, a alma do negócio*.

Criança e Consumo

Série de fascículos temáticos - Autores diversos

Instituto Alana, 2010

Sinopse: Direcionado a educadores, este conjunto de sete fascículos traz diferentes temas e perspectivas de sua abordagem. Tem como objetivo visibilizar os impactos negativos do consumismo infantil nas esferas social, ambiental e econômica. Em formato de entrevistas, os fascículos apresentam os seguintes temas debatidos por profissionais de reconhecido saber, como especificado a seguir:

Tema: A importância do brincar

Títulos e entrevistados:

O apelo emocional do consumo atinge todo mundo – Ana Lucia Villela

Sonho com o tempo em que poderemos falar em integração nacional através da cultura da criança – Lydia Jortélio

O quintal é o território encantado da infância – Adelson Murta Filho

Arte, religião e descobertas científicas são todas enraizadas na nossa capacidade de brincar – Susan Linn

As crianças estão sendo educadas por um outro mundo que foge aos muros da escola – Adriana Friedmann

É importante que a criança seja impregnada com o que há de melhor da sua cultura – Paulo Tatit

Tema: Erotização precoce e exploração sexual Infantil

Títulos e entrevistados:

Na publicidade, o paradigma e o modelo de pertencimento são dados de fora para dentro – Ana Olmos

Existe um déficit democrático no Brasil em relação à comunicação – Veet Vivarta

Lutar contra o turismo sexual só é possível com inteligência – Patricia Saboya

A erotização, mais que uma violência, é um retorno à escravidão – Albertina Duarte

O que falta no Brasil é ética empresarial – Rodrigo Nejm

Elas gastam de forma frívola porque não pensam no futuro – Paulo Caldas

Tema: Estresse familiar

Títulos e entrevistados:

Quando há uma fragilidade do ponto de vista da ética, moral é luxo – Yves de La Taille

Para crescer, tem que frustrar – Cesar Ibrahim

Temos criado uma geração de crianças e jovens absolutamente anônimos no sentido de valores familiares – Rosely Sayão

Nós temos que mudar essa cultura do excesso, que tem trazido muitos problemas, inclusive de saúde pública – Corinna Hawkes

Vivemos em um sociedade que é uma fábrica de desejos – Lena Bartman

Negligenciar é falta de amor – Luiza Valdetaro

Tema: Juventude e bebidas alcoólicas

Títulos e entrevistados:

A sociedade está associada ao mercado, que pressiona para o consumo – Zico Góes

O uso precoce de bebidas alcoólicas é um problema de saúde pública – Ronaldo Laranjeira

As empresas de cerveja fazem publicidade do jeito que querem – Fernando Lacerda

A autorregulamentação do Conar só funciona no eixo Rio-São Paulo-Cannes – Edgard Rebouças

O comércio é tão liberal que só falta vender bebida em farmácia – Ruy Castro

A publicidade incentiva os jovens a beber. Isso já está comprovado – Suely Queiroz

A Lei Seca é resultado de uma pressão social – Ilana Pinsky

Tema: Sustentabilidade

Títulos e entrevistados:

A gente não produz as coisas necessárias para quem efetivamente precisa – Ladislav Dowbor

O consumidor é um ator difuso, que age em momentos específicos – Rachel Biderman

O indivíduo é nossa grande porta de entrada – Hélio Mattar

Quanto mais você estimula o consumo, maior a quantidade de descarte – José Henrique Penido

Vivemos muito além da capacidade do planeta – Washington Novaes

Vivemos os últimos 60 anos batendo na tecla do consumo – Fábio Feldmann

O desperdício é o lado B do consumo – Mario Mantovani

Tema: Transtornos alimentares e obesidade infantil

Títulos e entrevistados:

Alimento é afeto, cultura, humanidade – José Augusto Taddei

Espaço físico voltado a jovens não é lugar de publicidade – Maria José Delgado Fagundes

A juventude está adoecendo – Paula Melin

Criança não é adulto pequeno – Rosa Célia

A gente também come pelos olhos – Martha Paschoa

O corpo pode determinar os hábitos de uma nação – Ana Botafogo

Tema: Violência

Títulos e entrevistados:

O bullying está dentro da nossa sociedade, na própria família, que usa práticas pedagógicas verticais autoritárias – Pedrinho Guareschi

As empresas de comunicação são responsáveis pelo crescimento da violência na mídia – Cecília Von Feilitzen

A violência que se produz de modo simbólico e generalizado na sociedade de consumo atinge todas as classes sociais – Eduardo Bittar

Quando os valores celebrados apontam no sentido de um individualismo extremado, então é certo que teremos um esgarçamento das relações sociais – Antonio Engelke

A sociedade está anestesiada em relação à vitimização da juventude – Paula Miraglia

O consumo pode ser uma tentativa de preenchimento de um grande vazio – Anna Flora Werneck

Público: educadores e famílias

Temas transversais:

Ética, Orientação Sexual, Saúde, Meio Ambiente, Trabalho e Consumo

Criança, a alma do negócio

Direção: Estela Renner

Produção executiva: Marcos Nisti

Maria Farinha Produções

Duração: 48 minutos

DVD, Brasil, 2008

Sinopse: O documentário *Criança, a alma do negócio* traz à tona o debate sobre o problema do consumismo na infância a partir de depoimentos reais de famílias, educadores e especialistas sobre os impactos da cultura do consumo e da publicidade na formação da subjetividade das crianças contemporâneas. Tem como intenção provocar, sensibilizar e conscientizar as pessoas no que diz respeito às consequências que o excesso do consumo traz para as crianças: obesidade, erotização precoce, consumo de álcool e tabaco, banalização da violência e diminuição da participação em brincadeiras próprias para suas faixas etárias. Promove, ainda, uma boa discussão sobre o consumo consciente.

Público: educadores e famílias

Temas transversais: Ética, Orientação Sexual, Saúde, Meio Ambiente, Trabalho e Consumo

FERRAMENTAS 1

Construção coletiva – Por que se consome tanto?

Roda de conversa – Cuidando do planeta

Oficina – Reaproveitamento do que iria para o lixo

Jogo – Reciclagem

Educação entre pares – Intervenção criativa

TEMA 2

ADOLESCÊNCIAS E SEXUALIDADES

TEMA 2 – ADOLESCÊNCIAS E SEXUALIDADES

FOI ENCAMINHADO PARA SUA ESCOLA EM ANOS ANTERIORES:

Sexualidade: a difícil arte do encontro – Lídia Aratangy, Editora Ática

Cabelinhos em lugares engraçados – Babette Cole, Editora Ática

Sexo é sexo – Rosely Sayão, Editora Companhia das Letras

Primeira vez – Ivan Jaf, Editora Moderna

Gravidez na adolescência – Albertina Duarte, Editora Record

O corpo das garotas – Jairo Bouer, Panda Books

O corpo dos garotos – Jairo Bouer, Panda Books

A adolescência – Contardo Calligaris, PubliFolha

Sexo & Cia: as dúvidas mais comuns (e as mais estranhas) que rolam na adolescência – Jairo Bouer, PubliFolha

AUDIOVISUAIS

Diário de um adolescente (vídeo) – Scott Kalvert, Vídeo Astros

Minha vida de João – DVD e CD-ROM, Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género

Era uma vez outra Maria – DVD, Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género

Geralmente, a adolescência é definida como uma etapa da vida compreendida entre a infância e a fase adulta, marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial. Em nosso país, considera-se adolescente a pessoa que tem entre 12 e 18 anos. No entanto, vale lembrar que a adoção desse critério cronológico tem como objetivo primordial orientar as políticas públicas para essa faixa etária e as investigações epidemiológicas.

Afinal, quem trabalha cotidianamente com adolescentes de ambos os sexos sabe muito bem que as diferenças – de tamanho, de opiniões, de expectativas – diferem muito de uma pessoa para outra. Tanto que, em documentos oficiais, já não se fala mais em adolescência e, sim, em **adolescências**. No plural.

O mesmo se dá em relação à sexualidade. Definida pela Organização Mundial da Saúde – OMS como a *energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas*, as manifestações da sexualidade são diversas e vão bem além de um corpo sexuado que obedece às leis do funcionamento biológico. É uma construção que se dá a partir de aspectos individuais, sociais e culturais, modificando-se de acordo com a história e o contexto cultural em que as pessoas estão inseridas. Portanto, também faz mais sentido colocar essa palavra no plural: **sexualidades**.

Na prática, percebemos que muitas pessoas ainda têm dificuldade de trabalhar com esta população e com estes temas. É bom lembrar que, legalmente, adolescentes têm o **direito** a informações sobre sexo e sexualidade. As Dire-

trizes Curriculares Nacionais e as Orientações Curriculares Nacionais, baseadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9394, de dezembro de 1996) trazem as temáticas sexualidades e saúde reprodutiva como questões que devem ser trabalhadas na escola. Os Parâmetros Curriculares Nacionais também têm entre um de seus temas transversais a Orientação Sexual, que aborda as sexualidades, gêneros e a prevenção das DST/aids e do uso do álcool, tabaco e outras drogas.

Estatuto da Criança e do Adolescente

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990 –, assegura direitos universais e integrais a crianças e adolescentes. Por meio do ECA, crianças e adolescentes passam a ser considerados sujeitos de direitos a serem garantidos pela família, comunidade, sociedade em geral e pelo Estado.

Os direitos sexuais e direitos reprodutivos de adolescentes não estão previstos no Estatuto. Porém, alguns de seus artigos criam pressupostos fundamentais para que os direitos sexuais e direitos reprodutivos sejam assegurados na área da educação:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Fonte: Marco teórico e referencial: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Disponível em: <http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/06_0611_M.pdf>. Acesso em: 15 out. 2011.

Juntando uma coisa com outra, procuramos, neste conjunto de publicações, mesclar diversas situações vividas por adolescentes. Diferenças, preconceitos, expectativas dos adultos, gravidez na adolescência e um bate-papo sobre sexo foram os livros escolhidos para compor esse novo kit.

O jeitão da turma

Autora: Alina Perlman

Editora Saraiva, 2009

Sinopse: São nove histórias curtas sobre as adolescências, suas dúvidas, seus desejos, suas dificuldades. A linguagem simples e direta facilita a leitura e a identificação dos adolescentes com algumas das situações exploradas no texto: briga entre mãe e filha por conta da bagunça do quarto; desavenças entre amigos, o primeiro amor, estratégias para esconder dos pais as notas baixas. Situações, como a morte, são narradas de forma delicada e comovente. Propicia uma boa discussão sobre relacionamentos e afetividades

Público: estudantes a partir da 5ª série do Ensino Fundamental

Temas transversais: Orientação Sexual e Ética

Anjos no aquário

Autor: Júlio Emílio Braz

Atual Editora, 2009

Sinopse: Conta a história de Tina, uma menina de 16 anos que está grávida do namorado, Mauro. Namoro esse não aprovado pela família de Tina pelo fato de Mauro ser negro. Mauro não quer assumir o filho e Tina se vê totalmente sozinha. O livro possibilita uma boa discussão sobre a gravidez na adolescência – do ponto de vista da menina e do menino – e sobre o preconceito étnico-racial.

Público: estudantes a partir da 6ª série do Ensino Fundamental

Temas transversais: Orientação Sexual e Saúde

Pai? Eu?

Autora: Tânia Alexandre Martinelli

Atual Editora, 2009

Sinopse: Aos 17 anos, Luca está prestes a definir sua carreira e prestar vestibular quando se descobre grávido. Diante dessa situação, Luca se vê obrigado a rever seus planos e assumir novas responsabilidades. Focando a história no garoto, a autora enfatiza o tema da gravidez na adolescência a partir de uma abordagem que, historicamente, não é comum, pois, na maioria das vezes, a responsabilidade da contracepção é vista como um problema exclusivamente do mundo feminino. Um ótimo livro para chamar a atenção sobre o igual compromisso dos homens com a gravidez. Também vale explorar que os meninos têm o direito de escolher se querem ser pais ou não e quando. E que a melhor forma de exercer esse direito é usando o preservativo em todas as relações sexuais.

Público: estudantes a partir da 6ª série do Ensino Fundamental

Temas transversais: Orientação Sexual e Saúde

Adolescente: um bate-papo sobre sexo

Autor: Marcos Ribeiro

Colaboração: Wagner Reis

Editora Moderna, 2008

Sinopse: Com linguagem leve e direta, a publicação aborda vários temas que dizem respeito à adolescência: sexo e sexualidade; mudanças no corpo; ficar e namorar; a primeira vez; virgindade; o casal grávido; homossexualidade; sexo seguro, e muitos outros. Rica em ilustrações, esta obra é uma boa ferramenta para se ter na biblioteca da escola e também para ser utilizada em sala de aula. É acompanhada de um encarte com sugestões de atividades que poderão ser utilizadas interdisciplinarmente pelos professores.

Público: estudantes a partir da 6ª série do Ensino Fundamental

Temas transversais: Orientação Sexual e Saúde

FERRAMENTAS 2

Construção coletiva – Como aprendemos? Como ensinamos?

Roda de conversa – Afetividades e sexualidades

Oficina – Fim da história

Jogo – Eu já quero ser pai? Eu já quero ser mãe?

Educação entre pares – Mapa do território

TEMA 3
GÊNEROS E PRECONCEITOS

TEMA 3 – GÊNEROS E PRECONCEITOS

FOI ENCAMINHADO PARA SUA ESCOLA EM ANOS ANTERIORES:

Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas – Julio Groppa Aquino, Summus Editorial

Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens – CORSA/ECOS

Menino brinca de boneca? – Marcos Ribeiro, Editora Moderna

Os direitos humanos na sala de aula – Julio Groppa Aquino e Ulisses Ferreira Araújo, Editora Moderna

Os 11 sexos – Ronaldo Pamplona, Toyoiti Kond Produções

Aprendendo a ser e a conviver – Margarida Serrão e Maria Clarice Baleeiro, Editora FTD

AUDIOVISUAIS

Artigo 2º – ECOS

Era uma vez outra Maria (DVD), Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género

Minha vida de João (DVD e CD-ROM), Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género

Medo de quê? (DVD) Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género

O que é ser homem? O que é ser mulher? Eles já nascem agressivos? Elas já nascem cuidadoras?

Ou eles e elas aprendem a ser assim?

No passado, muitas das características atribuídas ao jeito de ser de homens ou de mulheres eram consideradas fatores biológicos e, portanto, não se modificavam. Nos dias atuais, não se tem nenhuma prova concreta de que, por exemplo, as mulheres já nascem “preparadas” para assumir as tarefas domésticas e “despreparadas” para assumir cargos políticos. Do mesmo modo, não existe nenhuma prova científica de que os homens são violentos por natureza e que têm maiores condições de liderança.

Por esta razão, no que diz respeito à construção social do masculino e do feminino, deixou-se de falar em sexo e se passou a utilizar o termo **gênero** para conceituar o conjunto de relações, atributos, papéis, crenças e atitudes que definem o que significa ser mulher ou ser homem em uma determinada cultura e sociedade.

Gênero

Refere-se à forma como somos socializados, isto é, como as atitudes, expectativas e comportamentos são formados com base no que a sociedade atribui ao sexo feminino e masculino. Estas características são aprendidas na família, na escola, no grupo de amigos, nas instituições religiosas, no espaço de trabalho, nos meios de comunicação. Porém, assim como foram “construídas”, podem ser igualmente “desconstruídas”. Gênero diz respeito, também, ao modo como as pessoas e as instituições distribuem o

poder em nossa sociedade, construindo, diferenciando, hierarquizando e atribuindo valores ao masculino e ao feminino.

Fonte: Instituto Promundo, Ecos, Instituto Papai, Salud y Género, World Education. *Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: Promundo, 2008.

Esta mudança de paradigma trouxe consigo um novo olhar na análise das relações humanas. Uma delas é que a forma de ser homem ou ser mulher não depende exclusivamente do sexo que se tem. Na verdade, depende bem pouco da biologia e sim das normas sociais vigentes em cada época e das experiências de socialização que se inicia desde o nascimento – na família, na escola e na igreja – até, mais tarde, no próprio ambiente de trabalho. Isso sem contar na força dos meios de comunicação que “ditam” atitudes e comportamentos estereotipados.

Se levarmos esta discussão para o campo da saúde perceberemos que os parâmetros existentes para a construção do masculino favorecem, por exemplo, a adoção de comportamentos mais arriscados, tais como: manter relações sexuais desprotegidas, o uso do álcool, do tabaco e de outras drogas e envolver-se em situações violentas e em acidentes. Não é por acaso que os homens morrem mais cedo do que as mulheres. As estatísticas estão aí para mostrar esta realidade.

Contudo, mesmo com estudos recentes que demonstram que os diferentes talentos e competências não dizem respeito a um sexo ou a outro, o preconceito contra as mulheres não só existe como é cotidiano. A cada semana nos deparamos com novas situações de preconceito em relação às mulheres e, também, àquelas pessoas que têm uma orientação sexual diferente da heterossexual. O **preconceito**, vale reforçar, traz consigo a desigualdade, a desvalorização, a subordinação e a desqualificação.

Para aprofundar essas discussões selecionamos três títulos. O primeiro deles – *Corpo, gênero e sexualidade* – é focado na escola. Propicia uma boa reflexão sobre a multiplicidade de possibilidades de se pensar e viver o corpo e sugere ações a serem implantadas no espaço escolar. Dois livros da coleção Preconceitos também foram selecionados: *Preconceito contra a “mulher”: diferença, poemas e corpos* e *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. Esta coleção favorece a aquisição de novas abordagens que tratam de muitas das questões que estão na raiz das injustiças sociais.

Corpo, gênero e sexualidade

Organizadoras: Dagmar Meyer e Rosangela Soares

Editora Mediação, 2008

Sinopse: Partindo do princípio de que não há como pensar em educação sem pensar em “corpos” presentes na escola, sem refletir nas marcas neles impressas pelo espaço cultural e sem incluir, nos projetos e práticas pedagógicas, a temática do corpo, gênero e sexualidade, esta publicação é direcionada, especificamente, aos educadores.

Os autores buscam contribuir para uma reflexão que vá além do entendimento do corpo como ente biológico conhecível e descritível, objeto de aulas de ciência, de biologia ou de anatomia. Caracterizam o corpo como algo que se constrói no cruzamento, na interseção entre aquilo que herdamos geneticamente e aquilo que aprendemos quando nos tornamos sujeitos de uma determinada cultura.

Público: educadores

Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade

Autores: Marco Aurélio Máximo Prado e Frederico Viana Machado

Cortez Editora, 2008

Sinopse: Em linguagem clara e acessível, esta publicação trata das injustiças sociais que transformam o cotidiano das pessoas que têm uma orientação sexual diferente da heterossexual em sofrimento e solidão. Explica, objetivamente, como os preconceitos multiplicam os estereótipos e menosprezam as diversidades, sejam elas culturais, sociais ou sexuais. Mostra ainda que, no contexto brasileiro, a vida concreta de muitas pessoas é continuamente submetida a diferentes níveis de subordinação e de desigualdade.

Público: educadores

Preconceito contra a “mulher”: diferença, poemas e corpos

Autora: Sandra Azerêdo

Cortez Editora, 2011

Sinopse: Preconceito contra a mulher? À primeira vista, pareceria absurdo falar em preconceito contra a mulher, já que as mulheres estão em toda parte. Este livro faz uma genealogia da “mulher”, entre aspas, justamente para enfatizar que não existe uma *essência* de mulher que estaria na origem do preconceito contra ela. A genealogia é um método proposto por Nietzsche e utilizado por Michel Foucault, que tem como objetivo desafiar as ideias sobre a existência de uma essência feminina que, entre outras coisas, faz com que ela seja a responsável pelo “cuidar”. Por meio de uma linguagem clara e acessível, Sandra Azerêdo propõe uma ampla reflexão para facilitar a compreensão de que o preconceito contra a mulher se produz (e se mantém) a partir das relações de poder existentes em nossa sociedade.

Público: educadores

Eu sou assim, viu?

Autora: Márcia Leite

Editora Formato, 2010

Sinopse: O livro explora as dificuldades enfrentadas por um garoto diante das expectativas familiares: ser sociável, deixar de ser medroso, brincar com o filho da visita. Ele resolve então falar sobre o que sente nessas horas e chega à conclusão de que não quer ser como as pessoas querem que ele seja, e sim como ele é. As ilustrações são muito intri-

gantes, pois o garoto só aparece mesmo nas páginas finais do livro. Antes, suas imagens são fragmentadas. Favorece a discussão em sala de aula sobre o que a sociedade espera de meninos e meninas, bem como ao direito de cada um fazer suas escolhas.

Público: estudantes de 3ª a 5ª série do Ensino Fundamental

Temas transversais: Ética e Pluralidade Cultural

FERRAMENTAS 3

Construção coletiva – Aja como homem! Aja como mulher!

Roda de conversa – Dizem por aí que...

Oficina – Homem e mulher na mídia

Jogo – Como vai sua memória?

Educação entre pares – Fanzine

TEMA 4

BULLYING E OUTRAS VIOLÊNCIAS

TEMA 4 – BULLYING E OUTRAS VIOLÊNCIAS

FOI ENCAMINHADO PARA SUA ESCOLA EM ANOS ANTERIORES:

Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz – Cleo Fante, Editora Verus

Preconceito e discriminação no contexto escolar: guia de atividades preventivas para ATPC e sala de aula, DPE/FDE

Limites sem trauma – Tânia Zagury, Distribuidora Record

Práticas e valorização das ações preventivas: subsídios para o educador – Equipe dos Projetos FDE

Resolução de conflitos e aprendizagem emocional – Genoveva Sastre e Montserrat Moreno, Editora Moderna

A sociedade da insegurança e a violência na escola – Flavia Schilling, Editora Moderna

Violência urbana – Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, PubliFolha

Conceituar o termo violência não é fácil. Principalmente, quando o que nos vem à cabeça ao ouvir essa palavra é uma série de situações como, por exemplo, assassinatos, balas perdidas, brigas, sequestros, maus-tratos. A violência também se manifesta de diferentes formas que, não necessariamente, implicam em lesão ou morte. Considera-se como violência toda e qualquer ação que oprime as pessoas, as famílias, os grupos e a comunidade.

E, ao contrário do que muita gente pensa, a violência não é um fenômeno “natural”, ou seja, ninguém nasce violento. Na verdade, a violência é uma construção história, social e cultural. Sendo assim, é possível pensar em formas de prevenir situações de violência e modificar uma cultura que, muitas vezes, vê na agressividade uma forma de lidar com os conflitos.

Só que, para isso, é preciso enxergar a existência dos diferentes tipos de violência que estão presentes o tempo todo nas relações entre as pessoas e que muitas vezes não reconhecemos como tal. Alguns exemplos:

- o menosprezo de uma pessoa pela outra por características como cor, idade, classe social, orientação sexual;
- quando uma pessoa se utiliza da outra – por meio da autoridade, da chantagem ou da ameaça – para obter o que deseja;
- quando uma pessoa trata a outra com indiferença e desrespeito.

No contexto escolar, infelizmente, a violência está presente em diferentes momentos. Atualmente, se fala muito de um tipo de violência que, no passado, se considerava como “brincadeira”: o **bullying**.

Bullying – Palavra da língua inglesa que significa “intimidação” ou “amedrontamento”.

Não existe uma palavra equivalente em português e, por conta disso, alguns sugerem a utilização dos termos: violência moral ou maltrato entre pares. A primeira coisa que caracteriza o bullying é que se trata de um fenômeno de grupo em que a agressão acontece entre iguais, ou seja, pessoas que têm mais ou menos a mesma idade e que convivem em um mesmo espaço.

Cyberbullying – É o bullying praticado no mundo digital. São mensagens difamatórias ou ameaçadoras que circulam por e-mails, sites, blogs, celulares, sites de relacionamento como o Orkut, o Facebook ou o Twitter. Para alguns estudiosos, o cyberbullying é ainda mais cruel do que o bullying tradicional, pois no espaço virtual os xingamentos e as provocações atormentam a pessoa permanentemente e não somente no contexto da escola. As mensagens ameaçadoras chegam a todos os lugares em que se acessa a internet e a denúncia fica ainda mais difícil, já que nem sempre é possível identificar o agressor.

Fonte: Adaptado da publicação *Educação 360°*. Entrevista com Cleo Fante: Os perigos do cyberbullying nas escolas. Disponível em: <<http://www.conexao professor.rj.gov.br/educacao-entrevista-00.asp?EditeCodigoDaPagina=4591>>. Acesso: 6 nov. 2011.

Três publicações foram selecionadas para aprofundar o conhecimento e a prática dos professores no que diz respeito à violência na escola. Duas delas – *Bullying e cyberbullying* e *Bullying: intimidação no ambiente escolar e virtual* – apresentam casos e dados além de sugerirem formas de se prevenir essas situações de violência. A terceira – *Como restaurar a paz nas escolas* – é um guia de conceitos e práticas para educadores.

Além dessas publicações, o kit oferece um jogo – *Em seu lugar* – para se trabalhar a empatia e um DVD – *Era uma vez uma família* – que facilita a discussão com as famílias sobre aqueles momentos em que se “perde a cabeça”. Este DVD faz parte da campanha Não Bata, Eduque.

Bullying: intimidação no ambiente escolar e virtual

Autores: Alexandre Ventura e Cleo Fante

Editora Conexa, 2011

Sinopse: Voltado para profissionais da área da educação, o livro traz, por meio de casos e quadros, discussões e propostas de como lidar com o bullying e com o cyberbullying no contexto escolar. Sugere formas para se construir relações de amizade mais ricas e duradouras, bem como enfatiza a importância de a escola ser um ambiente mais criativo, participativo e acolhedor diante das diferenças e diversidades. Ao final da publicação, sugestões de livros, sites e filmes foram anexadas como forma de ampliar o repertório dos professores nas discussões e análises durante a HTPC. Vale reforçar que não há como enfrentar o bullying e o cyberbullying de forma pontual e isolada. É preciso que o tema faça parte do plano político e pedagógico da escola, em consonância com as diretrizes da Lei de Diretrizes e Bases – LDB.

Público: educadores

Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?

Autora: Maria Tereza Maldonado

Editora Moderna, 2011

Sinopse: Nesta obra, a autora nos faz emergir nos aspectos da cultura atual, mostrando as fronteiras entre as brincadeiras, as agressões e intimidações. Já no início do livro, estão disponíveis informações gerais para alunos, familiares e educadores enfatizando que somente a partir de um trabalho em parceria é possível criar uma cultura de não tolerância à prática de bullying e cyberbullying. A prática do bullying virtual, aliás, é uma das grandes preocupações da autora. Da mesma forma que o bullying presencial, o cyberbullying deixa profundas marcas nas pessoas envolvidas. Só que com um agravante: a pessoa agredida pode não se sentir segura nem mesmo dentro da própria casa, onde continuará recebendo mensagens de texto em seu celular e e-mails pela internet. Nas páginas finais, Maldonado aponta para a necessidade de cada escola, de acordo com sua realidade, construir um programa antibullying. Apresenta uma série de sugestões que poderão ser discutidas na HTPC e nas reuniões com os estudantes e com seus familiares.

Público: educadores

Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores

Autor: Antonio Ozório Nunes

Editora Contexto, 2011

Sinopse: Destinado a educadores em geral, este livro tem como objetivo orientar atividades – em sala de aula ou em ambientes informais – de linha restaurativa. Muitas das reflexões e atividades sugeridas nesta publicação poderão ser úteis para evitar que os conflitos na escola se transformem em atos de violência, propiciando a promoção de um ambiente escolar mais cooperativo e mais propício à resolução restaurativa dos conflitos. Algumas das atividades práticas, programadas para o trabalho com adolescentes, poderão ser adaptadas para crianças. Sugere-se, ainda, diferentes atividades para a prevenção das situações de violência envolvendo toda a comunidade escolar e social e cultivando laços de cooperação e solidariedade.

Público: educadores

Em seu lugar

Autoria: Instituto Promundo, 2011

Sinopse: É um jogo que se assemelha ao jogo de interpretação de personagens, mais conhecido com RPG. Tem como objetivo promover a reflexão de profissionais das áreas da educação e da saúde sobre as dúvidas, emoções e receios que existem no imaginário de adolescentes e jovens. O jogo é composto por histórias de seis personagens diferentes, todos adolescentes, que vivenciam alguma situação de violência ou em que seus direitos são negados. Apesar de ter sido criado para profissionais que trabalham com a população adolescente e jovem, esse jogo é utilizado com sucesso entre meninas

e meninos com mais de 16 anos. Como o fim das histórias é criado pelos participantes, a discussão final costuma ser riquíssima.

Público: educadores e estudantes do Ensino Médio

Temas transversais: Orientação Sexual, Saúde e Ética

Era uma vez uma família

Autoria: Instituto Promundo, 2008

Sinopse: Este DVD apresenta a história de uma família e os desafios cotidianos que pais e responsáveis enfrentam na criação e educação dos filhos. O objetivo é discutir as crenças, as opiniões e as atitudes que os adultos apresentam diante de castigos físicos e humilhantes e nos convida a olhar a criança, também, como sujeito de direitos. Aborda temas como o estabelecimento de limites nos diferentes ciclos da vida, como lidar com o estresse do dia a dia e como atender às necessidades das crianças de acordo com seu grau de desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional e físico. O vídeo é um desenho animado sem falas, só com sons.

Público: educadores e famílias

FERRAMENTAS 4

Construção coletiva – Restaurar a paz nas escolas é possível?

Roda de conversa – O que é violência?

Oficina – A violência que rola no cotidiano

Jogo – Tipos de violência

Educação entre pares – Jornal mural

TEMA 5

ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS

TEMA 5 – ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS

FOI ENCAMINHADO PARA SUA ESCOLA EM ANOS ANTERIORES:

Drogas, aids e sociedade – CN-DST/Aids do Ministério da Saúde

Drogas: maconha, cocaína e crack – Ronaldo Laranjeira, Editora Contexto

Drogas: mitos e verdades – Beatriz Carlini Cotrim, Editora Ática

Drogas: o que é preciso saber para prevenir – Richard Bucher

Liberdade é poder decidir – Maria de Lurdes Zemel, Maria Eliza de Lamboy, Editora FTD

Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas – CEBRID/UNIFESP

Prevenindo contra as drogas e DST/aids – Cartilha do educador – Richard Bucher – CN-DST/Aids do Ministério da Saúde

Revista Ideias nº 20 – SEE/FDE

Se liga – O livro das drogas – Myltainho Severiano Silva, Editora Record

AUDIOVISUAIS

Drogas – prevenção à dependência química (CD ROM) – LOG-ON, Editora Multimídia

É ou não é (vídeo) – ECOS

A prevenção ao uso do álcool, tabaco e outras drogas é um dos maiores desafios que se tem na escola. Além da polêmica de que o falar sobre isso pode *estimular a curiosidade do aluno e ele virar um usuário*, o fato de a escola, muitas vezes, estar situada em uma comunidade em que exista o tráfico de drogas desestimula o planejamento de ações redutoras das vulnerabilidades.

Ao longo do tempo buscamos por diferentes possibilidades de tratar esse tema na escola. Seja fazendo terrorismo – *Droga mata!* – seja apelando para os problemas de saúde que ela pode acarretar, ainda não descobrimos uma forma efetiva de prevenir o uso dessas substâncias. Aliás, essa fórmula mágica não existe. Existem, sim, algumas pistas.

A primeira delas é que o álcool, o tabaco e outras drogas são substâncias que oferecem prazer imediato. Então, valeria a pena revermos nossas práticas e, em conjunto com os alunos, buscar alternativas prazerosas que favoreçam a percepção de que suas dores, angústias e conflitos podem ser superados sem o uso de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas, por exemplo.

Outra possibilidade é investir na área de promoção da saúde por meio de orientações para uma alimentação balanceada, atividades não estressantes e uma vida sexual mais segura e protegida. Nesta proposta, a escola necessita introduzir a questão das drogas dentro de um contexto amplo visando à responsabilização dos alunos em relação à sua vida e à sua saúde e abordando, também, questões como: solidão, isolamento, ideal de corpo, modelo de vida competitivo e imediatista, meio ambiente e outros temas que provocarão uma reflexão sobre os valores adotados pela sociedade em que vivemos.

Também vale a pena pensar em abordagens mais próximas à realidade de quem já faz uso de algumas dessas substâncias ou que poderá vir a fazer. Conhecida, anteriormente, como **redução de danos**, essa abordagem abre um espaço para a reflexão sobre o modo como o próprio usuário compreende sua relação com a droga – lícita ou ilícita –, de modo a que ele reconheça os riscos associados a esse uso e identifique formas de minimizá-los.

Um desses riscos seria, por exemplo, a infecção por uma DST ou pelo HIV, o vírus da aids. Sob o efeito do álcool e outras drogas, as pessoas têm suas capacidades de discernimento limitadas, levando-as, muitas vezes, a ter relações sexuais desprotegidas. As condições necessárias para o uso consistente do preservativo – que incluem o reconhecimento de sua eficácia na prevenção das DST e da aids e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da própria vulnerabilidade a esses agravos – ficam bastante prejudicados quando se está sob o efeito de alguma droga.

Esta é a perspectiva que traz as duas publicações que selecionamos sobre o assunto. Para os educadores, o livro *Uso de drogas e prevenção: da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidade*, do psicólogo e professor Marcelo Sodelli, apresenta inúmeros argumentos mostrando que o “proibicionismo” não tem sido suficiente para diminuir o uso do álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes e jovens brasileiros. Para os alunos, a publicação *Álcool, cigarro e drogas*, de Jairo Bouer, traz uma série de informações em linguagem agradável e coloquial.

Uso de drogas e prevenção: da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidade

Autor: Marcelo Sodelli

Editora Iglu, 2010

Sinopse: Leitura fundamental àqueles que trabalham e abordam as questões referentes ao uso do álcool, tabaco e outras drogas com adolescentes e jovens. Contribui para um debate sobre o tema, apresentando argumentos com base científica e intervenções mais pragmáticas. Teorias e modelos preventivos são analisados pelo autor, mostrando que a postura “proibicionista” – *Diga não às drogas*, por exemplo – centra-se no consumo das drogas ilícitas, com muito pouca ou nenhuma atenção para as drogas lícitas. Do mesmo modo, revisita e questiona a postura do “silêncio”, tão utilizada por professores, técnicos da saúde e, principalmente, familiares. A ideia de que falar sobre drogas estimula o uso, na opinião do autor, exerce efeito contrário. Assim, a proposta de Sodelli é a de aproximar o modelo de redução de danos e da noção de vulnerabilidade – campos utilizados mais na prevenção ao HIV/aids que no das drogas – sugerindo o desenvolvimento de ações redutoras das vulnerabilidades, ou seja, ações que sigam uma linha participativa e que se proponham a construir, em conjunto com a escola e a comunidade, alternativas mais lúcidas e protegidas para a prevenção ao uso do álcool, do tabaco e de outras drogas.

Público: educadores

Álcool, cigarro e drogas

Autor: Jairo Bouer

Editora Panda Books, 2006

Sinopse: Falar sobre álcool, tabaco e outras drogas ainda é um grande desafio para a maioria das pessoas. São muitos os medos – de que vai estimular o uso dessas substâncias, por exemplo – e, mais ainda, os desconhecimentos que se tem sobre seus efeitos e consequências. Neste livro, o psiquiatra Jairo Bouer fala para os adolescentes, numa conversa bastante franca e aberta, sem discurso moralista ou *slogans* simplistas como, por exemplo, *Drogas, tô fora!*. Além do texto simples e agradável de ler, o livro tem ilustrações divertidas do cartunista Adão Iturrusgarai.

Público: estudantes da 7ª série em diante

Temas transversais: Orientação Sexual e Saúde

FERRAMENTAS 5

Construção coletiva – Álcool, tabaco e outras drogas

Roda de conversa – Que droga!

Oficina – Em busca dos porquês

Jogo – Bingo das drogas

Educação entre pares – Teatro fórum

TEMA 6

PREVENÇÃO ÀS DST, HIV E AIDS

TEMA 6 – PREVENÇÃO ÀS DST, HIV E AIDS

FOI ENCAMINHADO PARA SUA ESCOLA EM ANOS ANTERIORES:

Aids e alguns fantasmas no diário de Rodrigo – Jonas Ribeiro e André Neves, Editora Elementar

Aids e escola – Terezinha Pinto e Isabel. Telles, Editora Cortez

Daniel e Leticia falando de aids – Casa Siloé/Grupo de incentivo à vida, Editora Ave Maria

Fala garota, fala garoto! – PE-DST/Aids – Secretaria da Saúde – SP

Manual do multiplicador adolescente – CN-DST/Aids do Ministério da Saúde

Mulher e aids – sexo e prazer sem medo – Regina Maria Barbosa e outros, Secretaria da Saúde – SP

Saúde e prevenção nas escolas – Ministério da Saúde/Ministério da Educação/Unesco/Unicef/UNFPA

Viver positivamente – Instituto Kaplan, Editora Vardi

AUDIOVISUAIS

Mancha de batom (vídeo) – PE-DST/Aids – Secretaria da Saúde – São Paulo

Vulnerabilidade aids, vulneradolescente (vídeo) – José Ricardo Ayres, Faculdade Medicina da USP

Convivemos com o HIV já faz cerca de 30 anos. E, nesse tempo todo, passamos pela fase do medo da doença e das pessoas que se infectaram pelo vírus. Passamos por momentos em que se acreditava haver um “grupo de risco” ou um “comportamento de risco” que fazia com que muitos de nós nos acreditássemos livres do contágio pelo HIV.

Em 1996, começamos a utilizar o termo **vulnerabilidade**. No livro *Ideias 29 – Papel da educação na ação preventiva ao abuso de drogas e às DST/aids*, que fez parte do primeiro kit do projeto Prevenção Também se Ensina, aprendemos que a vulnerabilidade era *um termo tomado de empréstimo da Advocacia Internacional pelos Direitos Humanos que designa grupos ou indivíduos fragilizados, jurídica ou politicamente, na promoção, proteção ou garantia de seus direitos de cidadania*².

E essa vulnerabilidade tanto poderia ocorrer devido às características individuais das pessoas como pela forma como nossa sociedade e nossa cultura valoriza determinadas normas de gênero ou se temos acesso à informação, aos serviços de saúde e aos insumos de prevenção.

Atualmente, pelos boletins epidemiológicos emitidos pelo CRT – DST/Aids da Secretaria Estadual da Saúde, já é possível perceber a queda dos números da aids em todo o Estado. No entanto, isso não significa que já não precisamos nos preocupar tanto com o HIV e as outras doenças sexualmente transmissíveis. Ao contrário!

Adolescentes e jovens são considerados uma das populações mais vulneráveis pela in-

2. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. *Ideias 29*. São Paulo: FDE, 1996.

fecção pelo HIV e o adoecimento pela aids pois, de acordo com o psiquiatra Jairo Bouer, “houve uma banalização da doença, talvez por um afastamento dos períodos mais críticos da epidemia, da chegada de tratamentos mais eficazes ou, ainda, do uso da profilaxia (prevenção) com remédios em alguns casos especiais. Mas a história está longe de ser resolvida. O vírus está aí, as pessoas continuam a se infectar em velocidade semelhante à dos últimos anos, e os jovens que têm uma longa vida sexual pela frente não gerenciam bem os seus riscos”³.

Assim, cabe a todos nós desconstruirmos alguns dos receios que se tem na abordagem dos temas relacionados à sexualidade e à saúde reprodutiva na escola e, mais do que isso, percebermos **a prevenção como um direito**. O direito de alunos terem suas perguntas respondidas, de terem acesso aos insumos de prevenção e a serviços de saúde mais amigáveis às suas demandas.

As sugestões sobre materiais voltados para este tema encontram-se disponíveis na internet: *Adolescentes e jovens para a educação entre pares*, desenvolvidos para a utilização na metodologia de educação entre pares; *HQ SPE*, que traz um guia para o professor com oficinas e dicas de materiais e filmes, além de seis histórias em quadrinhos para adolescentes e jovens. Para o trabalho com a comunidade do entorno da escola, selecionamos o *Manual de prevenção às DST/HIV/aids para comunidades populares* do Ministério da Saúde e, finalmente, a publicação *A B C D E das hepatites virais para agentes comunitários de saúde*.

Adolescentes e jovens para a educação entre pares

Unicef, Unesco, UNFPA, Unids, Ministério da Educação, Ministério da Saúde – 2010

Sinopse: Composta por oito fascículos, esta publicação é destinada a adolescentes e jovens. Tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento de ações de promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva, elaboradas de jovem para jovem, a partir do fortalecimento do debate e da participação juvenil. Cada um deles contém textos básicos, materiais de apoio com informações variadas e/ou curiosidade sobre o que se discutirá em cada oficina; letras de músicas, poesias e sugestões de filmes. Os fascículos abordam os seguintes temas:

- Adolescências, juventudes e participação
- Álcool e outras drogas
- Diversidades sexuais
- Gêneros
- Metodologia de educação entre pares
- Prevenção das DST, HIV e aids
- Raças e etnias

3. O jovem não tem mais o mesmo medo do HIV. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 17 out. 2011.

- Sexualidades e saúde reprodutiva

Esta série de fascículos está disponível em: <<http://www.aids.gov.br/publicacao/adolescentes-e-jovens-para-educacao-entre-pares-spe>>.

Acesso em: 3 ago. 2012.

Público: estudantes do Ensino Médio

Temas transversais: Orientação Sexual, Saúde, Ética e Pluralidade Cultural

HQ SPE

Unesco, Ministério da Saúde e Ministério da Educação, 2010

Sinopse: Composto por seis histórias em quadrinhos e um guia para o professor. As HQs têm uma linguagem moderna para tratar de assuntos polêmicos como a aids e o preconceito contra quem vive com HIV/aids. Abordam questões como adolescência, gênero, diversidade sexual, direitos sexuais e reprodutivos e o viver e conviver com HIV/aids. Já o guia, elaborado para apoiar educadores no trabalho com as HQs, traz uma série de oficinas, dicas de filmes – comerciais e educativos – nos seguintes temas:

Adolescência, juventude e participação

Gênero e diversidade sexual

Direitos sexuais e direitos reprodutivos

Viver e conviver com o HIV e a aids

Saúde e prevenção

Álcool e outras drogas

As HQs e o guia poderão ser utilizados no desenvolvimento de ações voltadas para a promoção da saúde e a prevenção nas diferentes disciplinas que compõem os currículos do Ensino Fundamental e o do Ensino Médio.

O guia para professores e as histórias em quadrinhos estão disponíveis em:

<http://www.aids.gov.br/publicacao/historias-em-quadrinhos-hq-spe>

Público: educadores e estudantes da 8ª série em diante

Temas transversais: Orientação Sexual, Saúde, Ética e Pluralidade Cultural

Manual de prevenção das DST/HIV/aids em comunidades populares

Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Programa Nacional de DST e Aids

Sinopse: Este manual traz uma série de sugestões metodológicas para o trabalho de prevenção nas comunidades: atividades, reflexões e exemplos de formulários e relatórios para garantir o registro e a sistematização das ações realizadas na escola. Outros assuntos importantes trazidos pela publicação são o planejamento e a avaliação das atividades realizadas.

Este manual está disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_prevencao_hiv_aids_comunidades.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2012.

Público: educadores

A B C D E das hepatites virais para agentes comunitários de saúde

Ministério da Saúde, 2009

Sinopse: As hepatites virais são doenças silenciosas que provocam inflamação do fígado e que, nem sempre, apresentam sintomas. Apesar de ser direcionada para agentes comunitários da saúde, esta cartilha possibilita um primeiro contato com essas doenças, principalmente aquelas mais comuns no Brasil como as hepatites A, B, C e D.

Esta cartilha está disponível em:

<<http://www.aids.gov.br/publicacao/hepatites-virais-para-agentes-comunitarios-de-saude>>. Acesso em: 3 ago. 2012.

Público: educadores e estudantes a partir da 6ª série

Temas transversais: Orientação Sexual e Saúde

FERRAMENTAS 6

Construção coletiva – Prazer e prevenção

Roda de conversa – Prevenção é tudo de bom

Oficina – Quero ou não quero?

Jogo – Cuidado e autocuidado

Educação entre pares – Mensagem para você

CAIXA DE FERRAMENTAS

FERRAMENTAS 1 – CONSUMO CONSCIENTE

Construção coletiva – Por que se consome tanto?

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Promover uma reflexão sobre os problemas que o consumo excessivo traz à vida das pessoas.	Trechos do artigo de Maria Inês Dolci para todos.	2 horas	Educadores

Passo a passo

- Inicie a HTPC lembrando que *consumir* é adquirir aquilo que é necessário para a sobrevivência. Já o *consumismo* é quando – por influência da propaganda, da cultura na qual fazemos parte ou como forma de compensar as dificuldades da vida – as pessoas consomem indiscriminadamente mais produtos ou serviços do que necessitam.
- Distribua o trecho do artigo “Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é caretice, é uma necessidade”, de Maria Inês Dolci, publicado no jornal *Folha de S. Paulo* de 17 de outubro de 2011 (a seguir).
- Solicite que os professores leiam o trecho e, feita a leitura, abra para o debate a partir das seguintes questões:
 1. O que é consumo?
 2. O que é consumo consciente?
 3. Esse tema é trabalhado na escola? Em que momentos ou situações?
 4. A partir de que idade é adequado trabalhar com esta perspectiva na escola? De que forma?
 5. Praticamente, o que poderia ser feito para mudar a cultura de que o “ter” é mais importante do que o “ser”?
- Explique que vários autores afirmam que o consumo consciente “implica em avaliar, em cada uma destas escolhas, que impactos estão sendo gerados e como eles podem ser minimizados ou potencializados na direção de uma sociedade mais sustentável. É consumir de forma diferente: tendo no consumo um instrumento de bem-estar e não um fim em si mesmo. É consumir sustentavelmente, de modo a deixar um mundo melhor para as próximas gerações. É consumir solidariamente, fazendo escolhas de consumo buscando aumen-

tar os impactos positivos e diminuir os impactos negativos: em si próprio, na sociedade, na natureza e na economia”⁴.

- Apresente os materiais do Instituto Alana, reforçando a necessidade de se pensar em ações voltadas para o autocuidado, o cuidado com as outras pessoas e com a própria comunidade desde os primeiros anos da infância. Enfatize que, atualmente, o incentivo ao consumismo já faz parte da vida das crianças desde bem pequenas e que, por elas serem pessoas em desenvolvimento, são ainda mais vulneráveis a esse incentivo. Explique que, neste conjunto de fascículos, por meio de entrevistas, são tratados diferentes problemas que têm a ver com o consumismo: obesidade infantil, erotização precoce, consumo precoce de tabaco e álcool, estresse familiar, banalização da agressividade e violência.
- Finalize a HTPC solicitando aos participantes que analisem as possibilidades de se elaborar uma proposta voltada para o “consumo consciente” na escola. Peça que deem sugestões que poderiam ser desenvolvidas durante todo o ano e que, também, se possa fazer uma intervenção na escola no mês de outubro, uma vez que o *Dia Nacional do Consumo Consciente* é comemorado no dia 15 desse mês. Sugira que leiam os fascículos e que, em um próximo encontro, tragam sugestões de como trabalhar com o tema durante as aulas.

4. INSTITUTO AKATU. *Consumo consciente*. Disponível em: <<http://www.akatu.org.br/Institucional/OAkatu>>. Acesso em: 8 nov. 2011.



Fazer as contas e não assumir compromissos superiores à renda não é care-tice, é uma necessidade

Maria Inês Dolci – *Folha de S. Paulo*, 17 de outubro de 2011

“Os jovens estão se endividando. Segundo pesquisa da Associação Comercial de São Paulo, 67% dos inadimplentes têm menos de 35 anos e 24% têm entre 26 e 30 anos.

Mais do que um levantamento estatístico ou curiosidade, tais números expressam uma realidade preocupante: a falta de educação para o consumo. Sem isso, o jovem compra acima de suas possibilidades e talvez prossiga nesse desequilíbrio quando for mais velho. Além disso, essas pessoas não estão se endividando para comprar bens tecnológicos como computadores ou aparelhos que aumentem o conforto e a segurança no lar. Nada disso. Torraram dinheiro com roupas e calçados. (...)

Hábitos de poupança não são estimulados nem valorizados aqui. É evidente que todos querem consumir. Não há crime algum nisso, até porque, sem compras, não há produção nem empregos. A economia fica estagnada e o país caminha para trás. Certamente não defendo tal comportamento. Mas o consumismo desenfreado é péssimo para as pessoas e para o ambiente e indica um descontrole que pode, sem trocadilho, custar muito caro. (...)



Roda de conversa – Cuidando do planeta

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Promover uma reflexão sobre o consumo a partir do olhar dos alunos.	Folha de <i>flip chart</i> e canetas	2 horas	Todos os anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Passo a passo

- Abra a roda de conversa explicando que o tema a ser discutido é o consumo. Explique que consumir é utilizar algumas coisas para a sobrevivência e o bem-estar das pessoas. Por exemplo: a água, os alimentos, as roupas, os sapatos e os brinquedos.
- Explique que, no entanto, tem muita gente que consome muito mais do que necessita. Por exemplo: ao escovar os dentes, deixa a torneira aberta o tempo todo. Ou, então, ter milhares de brinquedos mas não querer saber mais deles depois de ver uma propaganda de um jogo diferente e sentir que se não o possuir será a pessoa mais infeliz do mundo.
- Abra para o debate a partir das seguintes perguntas:
 1. Quando recebem a mesada ou ganham algum dinheiro no seu aniversário, vocês gastam tudo ou guardam um pouco?
 2. O que vocês fazem com os brinquedos que não utilizam mais?
 3. Quando alguma coisa sua quebra ou rasga, o que você faz com ela?
 4. Vocês comem tudo o que colocaram no prato?
 5. O que vocês mais comem? Frutas? Verduras? Carnes? Salgadinhos? Doces?
 6. Quanto tempo vocês ficam no chuveiro?
 7. Vocês costumam apagar a luz depois de saírem do banheiro, da sala ou da cozinha?
 8. O que vocês fazem ou poderiam fazer para economizar energia elétrica, água e o gasto com roupas e brinquedos?
- Após as respostas às perguntas, solicite que os alunos deem sugestões sobre o que seria possível fazer na escola para chamar a atenção dos outros alunos para a necessidade de economizar recursos para o bem da saúde de todo mundo e de nosso planeta. Coloque as sugestões no quadro e informe que, nos próximos encontros, algumas dessas ideias serão concretizadas.

Oficina – Reaproveitamento do que iria para o lixo

Objetivo	Materiais	Tempo	Ciclo
Aliar a preservação do meio ambiente com o reaproveitamento de brinquedos e roupas já descartados.	Brinquedos, roupas e materiais que não são mais utilizados; folhas de papel já utilizadas e descartadas; tesouras, colas, fita crepe, grampeador, linhas, agulhas etc.	2 horas	Todos os anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio

Passo a passo

- Com antecedência, peça que as crianças ou os adolescentes tragam brinquedos, roupas e outros materiais que não estão mais sendo usados por eles.
- Recolha todos esses materiais e organize-os em um canto da sala. Por exemplo: coloque as roupas em uma caixa de papelão, os brinquedos em outra e assim por diante.
- Inicie a atividade diferenciando os produtos que podem ser reciclados (papel, madeira, plástico, roupas, arame) daqueles que devem ser descartados (papel higiênico, papel-toalha, fraldas descartáveis, adesivos, papel-carbono, fotografias, clipes, grampos, esponja de aço, latas de tinta ou veneno, latas de combustível, pilhas, baterias).
- Divida os participantes em quatro ou cinco grupos e peça que garimpem nas caixas alguns daqueles materiais para serem reciclados. Poderão, por exemplo, consertar uma roupa que está rasgada ou criar um novo *look* a partir de diferentes roupas; inventar um novo brinquedo ou jogo com os materiais disponíveis etc.
- Quando terminarem, peça que cada grupo apresente o produto que consertaram ou reciclaram e abra para a discussão sobre o que aprenderam nesta atividade.
- Explique que o lixo é um dos maiores problemas que se tem hoje no mundo. E uma das formas de minimizar este problema seria reaproveitar ou doar os objetos que não usamos mais.
- Encerre informando que a reciclagem se tornou uma das grandes lutas nas sociedades de todo o mundo e que o reaproveitamento dos resíduos sólidos, chamados genericamente de lixo, é fundamental para diminuir as consequências que os lixões podem provocar na saúde das pessoas e do planeta.

Jogo – Reciclagem

Objetivo	Materiais	Tempo	Ciclo
Contribuir para o aprendizado do conceito de lixo e de resíduos, alertando para a importância desse conhecimento e da prática dessa organização.	Folhas com o jogo para todos	1 hora	Todos os anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Passo a passo

- Inicie a atividade explicando que *reciclagem* significa transformar objetos usados em novos produtos para o consumo. Assim, em vez de muita coisa ir simplesmente para o lixo, é possível fazer outras coisas com esses objetos. Por exemplo: novas folhas de papel; almofadas com garrafas PET (aquelas de 2 litros); relógios com discos antigos etc.
- Explique que o lixo é um dos maiores problemas enfrentados pela sociedade, pois, entre outras coisas, contamina os rios, mata peixes e estraga o ar que respiramos.
- Informe que, em muitos lugares, existem lixeiras coloridas para se separar alguns tipos de lixo para reciclagem. Em cada uma das lixeiras se coloca um tipo de material:
vermelha —▶ plástico
azul —▶ papel
amarela —▶ metal
verde —▶ vidro
cinza —▶ outros
- Organize quatro grupos e distribua a folha com o jogo. No lado esquerdo estão as lixeiras. Do lado direito, os materiais a serem reciclados. Cada grupo deverá desenhar setas colocando o lixo na lixeira correta. Ganha o grupo que colocar todos os produtos na lixeira correta⁵.
- Conforme os grupos terminarem, corrija as tarefas. E abra para a discussão de como seria possível implementar a coleta seletiva do lixo na escola e na

5. **Respostas:** **verde** (copos, pratos e embalagens de perfume); **azul** (caixas de leite e suco; jornais e revistas velhas); **amarela** (grampeador, pregos, latas, panelas sem cabo, tampas de cerveja, garfos, facas, pregos e parafusos); **vermelha** (tampinhas de garrafa PET; saco e sacolas, embalagens de pasta de dente, embalagem de iogurte, canetas velhas).

comunidade e o que seria possível fazer depois (vender, reciclar, enterrar...).

- Encerre enfatizando que esta é uma forma importante de cuidar da saúde e do planeta Terra e que seria importante se todas as pessoas, ao menos, separassem o lixo em duas partes: uma com os produtos recicláveis e outra com os não recicláveis. No entanto, enfatize que é preciso limpar os resíduos dos produtos recicláveis antes de jogar no lixo, e amassar as latas de alumínio e as caixas para economizar espaço.



Jogue o lixo na lixeira certa!

Faça uma seta escolhendo o lugar em que cada objeto deve ser colocado.

Lixeira
Lixeira verde

Lixeira amarela

Lixeira vermelha

Lixeira azul

Objetos
caixas de leite ou suco
canetas que não têm mais tinta
copos quebrados
embalagens de pasta de dentes
embalagens de iogurte
embalagens de perfume
garfos e colheres velhos
embalagens de iogurte
jornais e revistas velhas
latas de ervilha e de milho
latas de refrigerante
grampeador quebrado
panelas sem o cabo
pratos quebrados
pregos e parafusos
sacos e sacolas
tampinhas de garrafas de cerveja
tampinhas de garrafas PET



Educação de pares – Intervenção criativa

Objetivo	Materiais	Tempo	Ciclo
Chamar a atenção de toda a escola para a importância de reciclar alguns produtos e economizar outros.	Jornais, sucatas, caixas de papelão, folhas de <i>flip chart</i> ; canetões, folhas para o planejamento e lápis	2 horas	Todos os anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Passo a passo

- Relembre com os alunos o que já foi discutido sobre o tema consumo e reciclagem.
- Informe que, agora, a proposta é passar essas informações adiante. Ou seja, é hora de fazer alguma ação que mostre a todas as pessoas que estudam, trabalham ou frequentam a escola que é preciso diminuir o consumo de produtos desnecessários e pensar em formas de reaproveitar os resíduos sólidos.
- Divida os alunos em 4 ou 5 grupos e peça que pensem no que seria possível fazer na escola para conscientizar as pessoas de que a coleta seletiva e o consumo consciente são importantes para a sobrevivência das pessoas e do planeta. Por exemplo: colorir caixas de papelão e colocar no pátio para provocar a curiosidade das pessoas sobre o que é aquilo; fazer uma escultura com o lixo que as pessoas jogam no chão ou com cadeiras quebradas; andar pela escola vestido com uma roupa feita de jornal etc.
- Enfatize que é mais importante passar a mensagem de que todas as pessoas são responsáveis pelos cuidados para com a escola, o território em que vivem e o planeta. Peça que pensem em propostas criativas e possíveis para se fazer na entrada dos alunos ou na hora do lanche.
- Quando terminarem, peça que cada grupo apresente sua ideia. Feitas as apresentações, em conjunto, componham a intervenção a partir de todas as ideias que foram colocadas, selecionando quais são mais fáceis e possíveis de fazer e quais são as que exigem maiores recursos e mão de obra. Lembre, ainda, que essa atividade tem que ser curta para não atrapalhar o desenvolvimento das aulas.
- Uma vez escolhidas as ações mais adequadas, realize com os adolescentes um planejamento para organizar a ação utilizando o quadro seguinte:

Atividade	Tarefas	Recursos necessários	Responsáveis	Parceiros
	-	-		-
	-	-		-
	-	-		-

- Explique que cada atividade tem, em si, um conjunto de tarefas e que é importante listar todas elas para se ter ideia do que é preciso fazer para concretizar a atividade proposta. Lembre, também, que os recursos se referem a todos os elementos necessários para cumprir as tarefas, desde o número de pessoas até o que será preciso pedir emprestado ou comprar.
- Distribua as folhas de planejamento para o grupo e peça que formem subgrupos a partir do número de atividades que foram selecionadas. Distribua uma atividade para cada equipe.
- Solicite que, na primeira coluna, escrevam a atividade que receberam e que cada grupo pense nas tarefas necessárias para fazer a atividade. Em seguida, peça que preencham o campo de recursos com tudo o que é necessário para construir a intervenção.
- Uma vez preenchidos os três primeiros campos, peça que cada pessoa do grupo se responsabilize por uma das tarefas. O próximo passo é fazer um levantamento dos parceiros que deverão ser contatados para ajudar na intervenção.
- Quando os subgrupos terminarem, peça que cada um vá até a frente e apresente sua proposta. Abra para a discussão da viabilidade de cada uma das atividades e combine com os alunos quando será mais adequado realizá-las.
- Uma vez realizada a intervenção, avalie seus resultados.

LEIA MAIS

Eu preciso tanto! – Shirley Souza, Editora Escala Educacional (2009)

ASSISTA MAIS

Lixo extraordinário – Direção de Lucy Walker (2010)

Este premiado documentário mostra o contato do artista plástico Vik Muniz com os catadores de material reciclável do Aterro do Jardim Gramacho, o maior da América Latina, localizado no Rio de Janeiro. A partir dessa experiência os catadores diminuem sua distância com a arte e conseguem condições melhores de vida.

NAVEGUE MAIS

Criança, a alma do negócio

<http://www.alana.org.br/CriancaConsumo/Biblioteca.aspx?v=8&pid=40>

Pare. Pense!

<http://www.youtube.com/watch?v=K5VPEPuFNdM&feature=related>

Instituto Akatu – <http://www.akatu.org.br/>

FERRAMENTAS 2 – ADOLESCÊNCIAS E SEXUALIDADES

Construção coletiva – Como aprendemos? Como ensinamos?

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Conhecer as mudanças relacionadas ao ensino da sexualidade e saúde reprodutiva que ocorreram no país e discutir o conceito de educação em sexualidade.	Texto <i>Brevíssima história da educação sexual no Brasil</i> para todos, folhas de papel e caneta	2 horas	Educadores

Passo a passo

- Inicie a HTPC pedindo que os professores relembrem em que momento e como foi que aprenderam sobre sexualidade e saúde reprodutiva na adolescência e que, depois, escrevam como foi esse aprendizado em uma folha de papel.
- Quando terminarem, peça, a quem quiser, que leia o que escreveu no papel.
- Coloque quando e como foi o aprendizado dos educadores sobre estes temas no quadro ou em uma folha de *flip chart* utilizando palavras-chave.
- Quando todos se posicionarem, leia as palavras-chave e, em conjunto com os participantes, faça uma análise sobre as diferentes formas como esse ensino foi abordado. Por exemplo: centrado na biologia; o destaque para o cuidado com o corpo feminino era maior do que o masculino etc.
- Distribua o texto *Brevíssima história da educação sexual no Brasil* (a seguir) para todos e proponha uma leitura em conjunto. Cada pessoa poderá ler um parágrafo.
- Feita a leitura, abra para o debate, procurando sempre estabelecer uma relação entre o conceito de *educação em sexualidade* e a prática.
- Encerre a HTPC solicitando que, no próximo encontro, tragam propostas para se trabalhar com o tema na sala de aula.



Brevíssima história da educação sexual no Brasil

Os primeiros registros sobre a educação sexual nas escolas brasileiras datam do início do **século XX**. Influenciada pelas correntes médicas e higienistas francesas, a proposta desta época tinha como objetivo primordial combater a masturbação e as doenças sexualmente transmissíveis. Lá por **1920**, Berta Lutz – considerada a pioneira do feminismo brasileiro – fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, uma organização que lutava pelo voto e pelo direito das mulheres trabalharem sem necessitar da autorização do marido. Em conjunto com outros segmentos sociais, Lutz propôs também a criação de um programa de educação sexual que incentivasse a reflexão acerca da importância da maternidade e da infância na sociedade brasileira. Essa proposta não vingou.

Em **1928**, durante o Congresso Nacional de Educadores, aprovou-se a proposta de um programa de Educação Sexual nas escolas, para crianças acima de 11 anos de idade. Em **1930**, o Colégio Batista, instituição carioca só para meninos, incluiu em seu currículo não só a educação sexual como também as ideias de Darwin sobre a evolução das espécies. Seguidos por outras escolas públicas e privadas, estes estabelecimentos sofreram uma severa repressão por parte da igreja católica e de muitas famílias, pois as ideias de Darwin eram na época vistas como uma verdadeira “heresia” e a igreja era completamente contra o ensino sobre o sexo. Entre os períodos das décadas de 1930 e 1950 não se teve conhecimento de outros trabalhos ou iniciativas ligadas à educação sexual.

A partir de **1960**. Daí em diante, a educação sexual na escola passou por grandes transformações. Durante o golpe militar, em meados dessa década, os livros do padre Charbonneau sobre educação sexual – apesar de serem escritos numa linguagem filosófica e sob a ótica da moral católica cristã – serviram de referência para muitas famílias e educadores pois, afinal, foi escrito por uma pessoa da própria igreja católica. Em **1968**, a deputada federal Julia Steimbruck apresentou um projeto de lei que visava ao ensino obrigatório da educação sexual em todas as escolas de nível primário e secundário. Encaminhado à Comissão Nacional de Moral e Civismo do Ministério da Educação e Cultura – formada por padres, militares e deputados federais – o projeto não foi aprovado.

Chegamos à década de **1970** e o movimento feminista e alguns estudos publicados sobre a construção dos gêneros feminino e masculino fortaleceram os debates sobre sexualidade e reprodução. Em meados de **1980**, com a descoberta da aids, intensificaram-se os esforços para que a educação sexual fizesse parte sistemática do currículo escolar.

Dois fatos importantes ocorreram na década de **1990**: o financiamento do Banco Mundial para a criação e implantação de projetos na escola – o *Prevenção Também se Ensina* surgiu a partir desse financiamento – e a publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN*, em **1997**. A publicação desse documento iniciou uma nova era no que diz respeito ao ensino-aprendizagem sobre sexualidade e saúde reprodutiva. A Orientação Se-

xual – nome utilizado por alguns grupos e assumido pelo Ministério da Educação – tornou-se um tema transversal, ou seja, passível de ser abordado em todas as disciplinas a partir de três eixos: Corpo – Matriz da Sexualidade; Relações de Gênero e Prevenção às DST/aids.

Atualmente, vemos crescer a importância de as áreas da educação e da saúde trabalharem juntas para garantia dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos de adolescentes, jovens e adultos. Direitos, aliás, é uma das palavras mais faladas no **século XXI**: direito das pessoas vivendo e convivendo com o HIV/aids; direitos das pessoas exercerem a sua sexualidade de acordo com sua orientação sexual; direitos da mulher ao prazer, entre outros. E estas mudanças trouxeram consigo também a necessidade de se rever o conceito e, até mesmo, a forma como se referir a esse aprendizado.

A **educação em sexualidade** é hoje o termo considerado mais adequado para se nomear o aprendizado sobre as sexualidades e a saúde reprodutiva pois, de acordo com a Unesco, prevê uma abordagem mais abrangente sobre a saúde sexual e a saúde reprodutiva, propiciando um aprendizado não só na aquisição de conteúdos, mas também incluindo a afetividade, o questionamento de atitudes e o desenvolvimento de habilidades para a tomada de decisão, comunicação, negociação e redução de riscos em relação à infecção pelo HIV e outras DST; ao uso do álcool e outras drogas e às situações de violência. Parte, também, de uma abordagem apropriada para cada um dos ciclos da vida – infância, adolescência, juventude –, fornecendo informações cientificamente corretas, realistas e sem julgamentos.

A educação em sexualidade baseia-se nas seguintes premissas:

- a sexualidade é um aspecto fundamental da vida humana: possui dimensões físicas, afetivas, sociais, econômicas, políticas e culturais;
- a sexualidade não pode ser compreendida sem referência ao gênero;
- a diversidade é uma característica fundamental da sexualidade;
- as normas referentes ao comportamento sexual diferem amplamente entre culturas e dentro de uma mesma cultura.

E não há como se trabalhar a educação em sexualidade sem estabelecer uma parceria íntima com os setores da saúde e dos direitos, cabendo a essas instituições desenvolver ações articuladas, envolvendo, inclusive, adolescentes e jovens; suas famílias e a comunidade do entorno da escola.

Fonte: Adaptado de: *Adolescentes, jovens e educação em sexualidade: um guia para a ação*. Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2011/07/Toolkit-1.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2012.



Roda de conversa – Afetividades e sexualidades

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Fortalecer o entendimento sobre o que é a sexualidade desconstruindo crenças e preconceitos existentes sobre o tema.	Tiras com perguntas	1 hora e meia	A partir do 7º ano do Ensino Fundamental

- Antes da roda, recorte dez tiras de papel e escreva uma das perguntas sugeridas a seguir em cada tira. Dobre-as bem e as coloque em um saquinho.
- Peça para as pessoas se sentarem em um círculo e passem o saquinho para a pessoa que está ao seu lado esquerdo. Explique que, quando você falar a palavra **quente**, a pessoa que estiver com o saquinho na mão deverá abri-lo, retirar uma pergunta e respondê-la. Caso a pessoa não saiba responder, a pessoa à sua esquerda tentará responder, e assim por diante.
- Conforme as perguntas forem respondidas, procure completar as informações e corrigir os equívocos.
- Informe que, na biblioteca ou na sala de leitura, há vários livros que tratam do tema sexualidade na adolescência: *O corpo dos meninos*, *O corpo das meninas* e *Sexo & Cia: as dúvidas mais comuns (e as mais estranhas) que rolam na adolescência*, de Jairo Bouer; *Adolescente: um bate-papo sobre sexo*, de Marcos Ribeiro, entre outros.
- Encerre a atividade esclarecendo que a sexualidade é formada também por aspectos culturais e afetivos e que está ligada ao desejo, à história e à experiência de cada pessoa. Pode ser experimentada de maneira diferente por cada pessoa e em cada ciclo da vida. Reforce que meninas e meninos têm o mesmo direito de amar, de resolver quando quer ter sua primeira relação sexual e de escolher se querem ou quando querem ser pai e mãe. Só que essa escolha depende do uso de contraceptivos, sendo o preservativo o único método que possibilita evitar uma gravidez e se prevenir do HIV e de outras doenças sexualmente transmissíveis.

Sugestões de perguntas



- *O que é sexualidade?*



- *O que é ficar?*



- *Quais sensações passam pelo corpo do menino quando ele se apaixona?*



- *Quais sensações passam pelo corpo da menina quando ela se apaixona?*



- *O que é amor?*



- *O que é desejo?*



- *O que é diversidade sexual?*



- *Um menino pode engravidar em sua primeira transa?*



- *Uma menina pode engravidar em sua primeira transa?*



- *Quando um menino está preparado para iniciar sua vida sexual?*



Oficina – Fim da história

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Compreender as diferentes emoções que perpassam a sexualidade e os relacionamentos.	Tiras com as histórias; lápis ou caneta	1 hora e meia	A partir do 7º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Peça que os participantes se dividam em quatro grupos e distribua uma tira com o começo de uma história para cada um deles.
- Explique que a ideia é que eles apresentem a situação descrita na tira e que deem um final para a história.
- Informe que eles terão 20 minutos para montar a cena e no máximo 5 minutos para apresentá-la.
- Quando todas as cenas forem apresentadas, abra para o debate perguntando o que os participantes acharam dos finais inventados por cada grupo. Pergunte se alguém gostaria de dar um final diferente a alguma das cenas e que final seria esse. Para aprofundar mais os temas, vale a leitura de algumas publicações já enviadas à escola pelos projetos *Prevenção Também se Ensina* e *Comunidade Presente* como, por exemplo, *O que é adolescência* (Contardo Calligaris) e *Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens* (CORSAVECOS).

Histórias



História 1

Nicolau não tem amigos, só amigas. Isso é motivo para muita gozação na escola. Outro dia, um grupo de meninos cercou o Nico na rua e ameaçou dar-lhe uma surra para ele deixar de ser gay. Ele ainda tentou argumentar dizendo que não era gay e que as meninas eram muito mais legais do que os meninos. Daí que Jonas, o cara mais forte da turma...



História 2

Estelinha é uma garota muito inteligente e que tem planos de ser médica no futuro. Quando conheceu Romeu, ela sentiu que, finalmente, encontrou o amor da sua vida. Os dois começam a namorar e, quando Romeu diz que quer muito transar com ela, Estelinha diz que ainda não se sente preparada para iniciar sua vida sexual. Daí Romeu...



História 3

Adão tem 15 anos e soube hoje que será pai. Ele ficou só uma vez com uma garota e hoje ela o procurou com essa notícia. Adão, muito agoniado, procura um amigo para conversar sobre a situação. Seu amigo o aconselha a “pular fora” e não atender mais os telefonemas da garota. Adão resolve...



Cena 4

Depois das aulas, Juvenal e Josimar resolvem dar uma passada na pracinha para zoar com as meninas. Chegando lá, os dois chegam em duas irmãs e perguntam se elas querem ficar com eles. Elas topam. Josimar vai para atrás de uma árvore e começa a beijar a menina. Parece que ela está gostando e Josimar tenta tirar a blusa dela. A menina diz que não e daí Josimar...



Jogo – Eu já quero ser pai? Eu já quero ser mãe?

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Informar aos alunos quais são os métodos contraceptivos e que somente o preservativo – masculino ou feminino – evita uma gravidez e previne da infecção pelo HIV/aids e outras DST.	Definições e diagramas para todos; figuras dos métodos contraceptivos	30 minutos	A partir do 7º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Inicie o jogo perguntando quais são os métodos que se pode utilizar para evitar uma gravidez.
- Escreva o nome dos métodos no quadro conforme os alunos forem falando.
- Explique que existem vários métodos e que, para conhecê-los, a ideia é preencher um diagrama. Primeiro é preciso ler a definição de cada um dos métodos e, depois, preencher os espaços no diagrama. Quando todos os métodos forem preenchidos, na coluna cinza irá aparecer o nome do único método que também previne a infecção pelo HIV, o vírus da aids e outras doenças sexualmente transmissíveis⁶.
- Quando terminarem, peça que digam o que foi colocado em cada uma das linhas. Reforce que o único método que ao mesmo tempo evita uma gravidez e previne as DST e o HIV é a camisinha masculina ou feminina. Abra para perguntas e, na medida do possível, apresente figuras com cada um dos métodos ou com os próprios. Reforce que a grande maioria dos métodos necessita, antes, de uma consulta médica. Os preservativos – feminino e masculino – independem dessa consulta.

6. Respostas: 1 – muco; 2 – diafragma; 3 – coito interrompido; 4 – DIU; 5 – pílula; 6 – tabelinha; 7 – abstinência.

Definições



1. Secreção vaginal mais grossa que aparece na calcinha possibilitando identificar o período fértil. Não é considerado um bom método anticoncepcional nem previne as DST e a aids.



2. Espécie de concha de borracha que a mulher coloca na vagina para cobrir o colo do útero e que precisa ser usado junto com um gel espermicida. É um bom método, mas não previne nem as DST nem o HIV.



3. Retirar o pênis da vagina antes de ejacular. É um péssimo método contraceptivo pois vive falhando.



4. Pequeno objeto de plástico e cobre, com um fio de nylon na ponta, que é colocado no interior do útero. Não é um método indicado para adolescentes e nem previne as DST e aids.



5. Comprimido feito com hormônios e que deve ser tomado todos os dias mais ou menos na mesma hora. É um bom método, mas precisa de acompanhamento médico. Não previne a infecção nem das DST nem do HIV/aids.



6. Método que permite conhecer o ciclo menstrual e saber quais são os dias férteis. Não é recomendado para adolescentes porque o ciclo menstrual ainda é irregular. Tem um alto índice de falhas e não previne DST/HIV/aids.

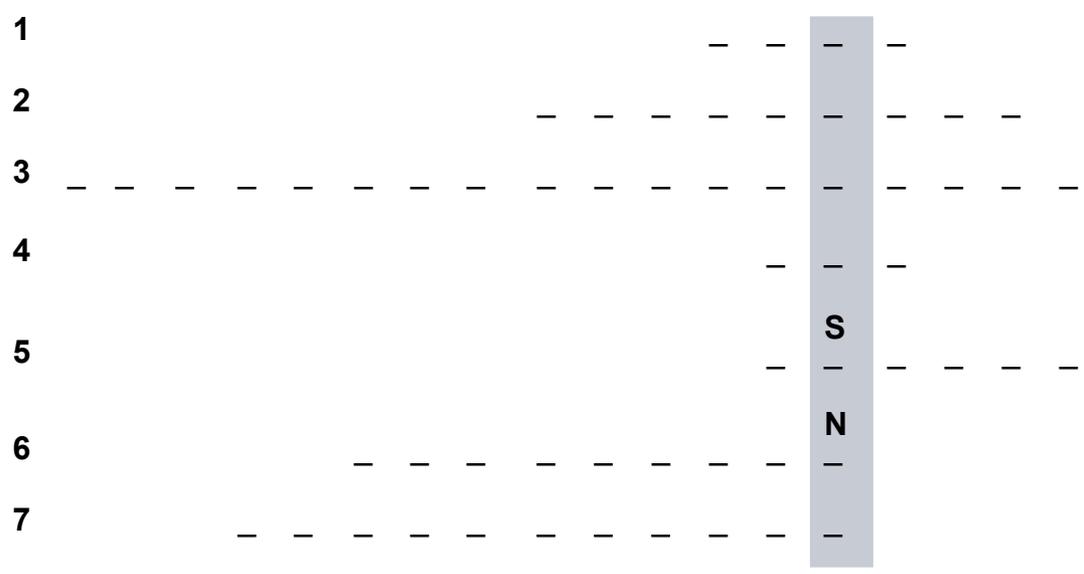


7. Não transar.





Diagrama



Educação entre pares – Mapa do território

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Identificar as organizações existentes no entorno da escola que poderão apoiar os adolescentes na compreensão e no cuidado com os diferentes aspectos da sexualidade.	Folhas de papel kraft; canetões, régua, lápis, borracha, fita crepe; folha com os endereços e telefones dos serviços que atendem adolescentes e jovens na região	3 horas	A partir do 7º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Com antecedência, escolha algumas ruas próximas à escola que possuam serviços de saúde, espaços de lazer, pontos de encontro etc.
- Explique que esta atividade será mapear os espaços existentes no território em que a escola está inserida que possam fornecer informações ou atendimento sobre a sexualidade e os direitos.
- Convide os adolescentes para dar um passeio por essas ruas. Peça que levem papel, caneta e um livro ou caderno para apoiar as folhas.
- Explique que é preciso desenhar as ruas e marcar os locais de **moradia**, os **serviços** disponíveis (posto de saúde, delegacia, escola, creche, biblioteca); apontar os **espaços de lazer** (praças, bares, clubes, quadras esportivas etc.); os **pontos de encontro** da comunidade (igrejas, associações de bairro, grupos de jovens, organizações não governamentais), entre outros.
- Depois da caminhada, volte para escola, coloque a folha de papel kraft no chão e proponha que façam um desenho coletivo mapeando os pontos identificados. Estabeleça cores diferentes para cada tipo de local (moradias, serviços, espaços de lazer, pontos de encontro).
- Quando terminarem o desenho, abra para a discussão a partir das seguintes perguntas:
 1. Como foi a experiência de realizar este mapeamento?
 2. Qual foi a parte mais fácil? E a mais difícil?
 3. Vocês encontraram algum lugar que não conheciam? Qual?
 4. Quais os locais importantes para os outros adolescentes e jovens conhecerem?
 5. Como seria possível repassar essa informação para eles?

- Quando terminar a discussão, peça que deem um nome para o mapa e que escolham um local na escola para colá-lo. Explique que conhecer os serviços de saúde e dos direitos de adolescentes e jovens é o primeiro passo para conhecer as redes de proteção e de atenção à saúde sexual e reprodutiva da população adolescente e jovem. Explique o que faz cada um dos locais identificados e distribua uma folha com os endereços e telefones desses serviços.

LEIA MAIS

Altos papos sobre sexo dos 12 aos 80 anos

Laura Müller, Globo Editora (2009)

ASSISTA MAIS

As melhores coisas do mundo (2010) – Direção de Laís Bodanzky

Um adolescente de 15 anos está aprendendo a tocar guitarra para chamar a atenção de uma garota. Seus pais estão se separando, o que afeta tanto ele quanto seu irmão mais velho. Sua melhor amiga e confidente está apaixonada por um dos seus professores. Além do mais, ele passa a ser provocado por alguns colegas pois o motivo da separação de seus pais é que ele assumiu um relacionamento gay. Seu irmão fica descontrolado e tenta suicidar-se. Em meio a essas situações, Mano precisa lidar com os colegas de escola em momentos de diversão e também sérios, típicos da adolescência nos dias atuais.

Desenrola (2011) – Direção de Rosane Svartman

Priscila tem 16 anos e se acha uma garota normal demais, principalmente quando repara em suas amigas. Quando sua mãe viaja a trabalho e ela fica sozinha em casa, decide que vai dar um jeito na sua caretice e vai fundo nessa ideia. Entre as muitas mudanças que pretende promover na sua vida, a virgindade parece ser uma das prioridades, mas será que a hora certa é agora? Embora esteja decidida em investir no mais galinha da turma para viver sua primeira experiência sexual, um trabalho em grupo na escola e uma viagem com amigos podem mudar para sempre as suas expectativas porque ela descobre que nem tudo é exatamente como dizem e a verdade pode ser bem diferente da realidade

Rosas selvagens (1995) – Direção de André Techiné

A história se passa numa região a sudoeste da França, durante os anos 1960, durante a guerra da independência da Argélia. Entre dúvidas sobre a adolescência, a sexualidade e a política, um grupo de amigos vai ingressando, cada qual à sua maneira, no mundo dos adultos. Henri, um jovem argelino, é

enviado à cidade para completar seus estudos e acaba trazendo aos colegas a dura realidade da guerra. François e Serge são desafiados pela agressividade de Henri, enquanto a bela Maïté se sente atraída por ele.

NAVEGUE MAIS

Gravidez na adolescência e sexualidade: uma conversa franca com educadores e educadoras – <http://www.e-clam.org/downloads/Caderno%20GRAVAD.pdf>

Adolescentes, jovens e educação em sexualidade: um guia para a ação – <http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2011/07/Toolkit-1.pdf>

Cá entre nós: guia de educação integral em sexualidade entre jovens – <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002170/217096por.pdf>

FERRAMENTAS 3 - GÊNERO E PRECONCEITOS

Construção coletiva – Aja como mulher! Aja como homem!

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Facilitar a reflexão sobre como as normas de gênero influenciam as atitudes e os comportamentos femininos e masculinos.	Quadro, giz ou caneta	2 horas	Educadores

Passo a passo

- Inicie a HTPC perguntando aos professores e professoras se, alguma vez na vida, alguém já lhes disse a seguinte frase: *aja como homem* ou *aja como mulher*
- Solicite que, quem quiser, compartilhe alguma experiência que já teve em que outra pessoa lhe falou uma dessas duas frases. Pergunte em que situação ela ou ele escutaram a frase e como se sentiram ao ouvir isso.
- Explique que se refletirmos mais profundamente sobre as frases, poderemos entender melhor como a sociedade constrói formas diferenciadas para o comportamento de homens e de mulheres. Essas expectativas, muitas vezes, acabam por se tornar “regras” rígidas que trazem uma série de prejuízos para os dois sexos.
- Divida o quadro em duas partes e escreva de um lado *aja como homem* e de outro *aja como mulher*.
- Pergunte aos participantes quais atitudes são esperadas dos homens no contexto da escola. Por exemplo: ser corajoso, não chorar. Escreva as respostas no quadro.
- Em seguida, pergunte que atitudes e comportamentos a escola espera das meninas. Por exemplo: que sua letra seja redonda e o caderno esteja bem organizado.
- Quando terminarem as contribuições, leia todas as respostas e abra para a discussão a partir das seguintes perguntas:
 1. O que os professores esperam de um aluno?
 2. O que os professores esperam de uma aluna?
 3. Quais as limitações que essas expectativas podem trazer para a vida de uma aluna? E para um aluno?
 4. A mídia exerce alguma influência sobre o jeito de ser homem e de ser mulher? Como os homens são retratados? E as mulheres?

5. O que é possível fazer na escola para modificar certas normas rígidas sobre o que é ser homem e o ser mulher?
 6. Como diminuir o preconceito em relação às pessoas que “fogem” do modelo esperado em uma determinada sociedade como, por exemplo, as pessoas que têm uma orientação sexual diferente da heterossexual?
- Após o debate, explique que durante muito tempo prevaleceu, na maior parte das sociedades, a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres eram naturais e definidas por seus corpos biológicos. As mulheres, por engravidarem e gestar as crianças, naturalmente, já nasceriam com uma aptidão maior para o cuidado com o lar e os filhos, enquanto os homens tinham maior facilidade para trabalhar fora, fazer maior esforço físico e assumir cargos de chefia. Esse mesmo discurso era (e ainda é) utilizado para justificar a subordinação feminina e as relações desiguais entre homens e mulheres.
 - Aborde, ainda, a questão do preconceito em relação às pessoas que amam e se relacionam sexualmente com as pessoas do mesmo sexo ou com os dois sexos.
 - Encerre afirmando que é possível transformar a escola em um espaço de maior aceitação para a diferença a partir do questionamento dos preconceitos existentes em seu cotidiano e a busca por relações mais igualitárias entre os gêneros, classes sociais, raças e etnias, diversidades sexuais. Sugira que os professores leiam três publicações que fazem parte do kit 2012 do Departamento de Educação Preventiva: *Preconceito contra a mulher: diferença, poemas e corpos*, de Sandra Azerêdo; *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*, de Marco Aurélio Máximo Prado e Frederico Viana Machado, e *Corpo, gênero e sexualidade*, de Dagmar Meyer e Rosângela Soares.

Roda de conversa – Dizem por aí que...

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Facilitar a reflexão dos alunos sobre como se dá a construção dos gêneros	Tiras com o início da frase <i>Dizem por aí que...</i> ; canetas, saco plástico ou caixa	1 hora	A partir do 7º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Inicie a roda de conversa afirmando que é comum as pessoas falarem que os homens são assim e as mulheres são assado. Por exemplo: que as meninas choram à toa e os meninos só querem saber de zoar.
- Explique que, nesta roda, vamos conversar sobre quais dessas afirmações são reais (fatos) e quais delas são falsas (boatos).
- Distribua tiras de papel com o começo da frase *Dizem por aí que...* e peça que a complementem com alguma característica feminina ou masculina. Por exemplo: *dizem por aí que fazer aula de balé é coisa de homossexual*.
- Escreva no quadro o início da frase – *Dizem por aí que...* – e quando todos preencherem suas tiras peça que cada um leia o que escreveu. Anote o final das frases uma abaixo da outra.
- Quando todas as frases estiverem escritas no quadro, leia cada uma delas e pergunte ao final: *essa ideia é um fato ou é um boato?* Coloque a letra **F** ao lado das frases que os alunos acreditarem ser um fato; a letra **B** ao lado do que consideram como um boato e **FB** naquelas em que uma parte da sala acha que é fato e outra que é um boato.
- Abra para a discussão, a partir das frases que receberam o **FB** e peça que uma pessoa que acha que é **fato** e outra que acha que é **boato** defendam essa posição. Quando terminarem a defesa, pergunte ao grupo se mudaram o que achavam a partir dos argumentos dados pelos colegas. Faça o mesmo com as outras dúvidas.
- Retome uma a uma as afirmações, explicando que muito do que se acredita como o jeito de ser homem e o de ser mulher tem a ver com a forma como a própria sociedade espera que cada sexo se comporte. E esses comportamentos se modificam ao longo da história. O rei da França Luiz XV, por exemplo, usava peruca, maquiagem e roupas cheias de babados. Ninguém zoava com ele, pois a nobreza do século XVIII se vestia desse jeito.

- Encerre explicando que existe ainda muito preconceito sobre a forma como os homens e as mulheres devem agir e isso pode impedir as pessoas de expressarem suas emoções e seus desejos. Enfatize que existem muitos jeitos de ser homem e de ser mulher e que todas estas formas deveriam ser respeitadas e valorizadas.

Oficina – Homens e mulheres na mídia

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Favorecer a percepção sobre o efeito da mídia no consumo de produtos e no comportamento das pessoas.	Papel pardo; revistas e jornais velhos, cola, tesoura, canetões	2 horas	A partir do 6 ^a ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Inicie a oficina explicando que iremos analisar a forma como os meios de comunicação escrita – jornais e revistas – influenciam no jeito de ser homem e de ser mulher criando modelos que são mais valorizados do que outros.
- Divida o grupo em quatro subgrupos e distribua revistas e jornais de diferentes tipos: de notícias do Brasil e do mundo, para o público jovem, para homens, para mulheres, histórias em quadrinhos, de celebridades etc.
- Informe que os subgrupos 1 e 2 desenharão uma menina e os subgrupos 3 e 4, um menino, da seguinte forma:
 1. uma pessoa do grupo vai se deitar em cima do papel pardo e outra irá desenhar sua silhueta;
 2. desenhada a silhueta, cada subgrupo deverá procurar nas revistas e jornais imagens para fazer a construção do modelo feminino ou masculino. Por exemplo, as bocas e os olhos que mais aparecem ou o tipo de roupa que são mais utilizadas nas revistas. Dois grupos irão procurar imagens femininas e os outros dois masculinas.
- A partir desse levantamento, deverão construir a “pessoa”, recortando e colando as imagens que foram encontradas nos materiais. Por exemplo: com as imagens das mulheres, pode se criar um vestido ou uma calça. Com as imagens dos homens pode se criar uma camisa ou uma camiseta.
- Terminados os recortes, peça que cada grupo elabore uma história sobre aquela pessoa desenhada: nome, idade, o que faz, do que gosta, do que não gosta, se tem namorado ou namorada...
- Quando os grupos terminarem, peça que cada um deles apresente sua construção.

- Abra para o debate a partir das seguintes questões:
 - O que as quatro figuras têm em comum? No que elas diferem?
 - Nos recortes as pessoas eram em sua maioria negras ou brancas? Mais jovens ou mais velhas?
 - O que os homens estavam fazendo? O que as mulheres estavam fazendo?
 - Vocês se acham parecidos com essas figuras? No quê?
 - O que vocês têm de diferente?
 - Na opinião de vocês, os meios de comunicação influenciam na forma como vocês se vestem ou cuidam do cabelo? Como?
 - Que conclusões podemos tirar a partir desta atividade?
- Encerre a oficina explicando que, em nossa sociedade, as pessoas são influenciadas pelos modelos de beleza e de comportamento considerados mais valorizados do que outro. O jeito de se vestir, a forma de cortar os cabelos, a roupa de marca, o tênis da hora são mostrados a toda hora criando, assim, a ilusão de que ser de um determinado jeito ou possuir determinados objetos é sinônimo de felicidade. Do mesmo modo, os meios de comunicação reforçam certos rótulos como, por exemplo, de que as mulheres devem ser femininas e delicadas e os homens, agressivos e “pegadores”.

Jogo – Como vai sua memória?

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Reforçar o conteúdo da igualdade de direitos de homens e mulheres e da igualdade nas relações étnico-raciais.	Cópias do jogo recortadas	30 minutos	A partir do 6 ^a ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Inicie a atividade perguntando aos alunos se eles conhecem o jogo da memória.
- Se necessário, explique que o jogo da memória é aquele em que se tem que encontrar pares de cartas iguais, ou seja, as cartas estão na mesa viradas para baixo e ao se abrir uma é preciso encontrar a outra igual existente no baralho para fazer pontos.
- Informe que a proposta é fazer um jogo parecido com o da memória, mas que, em vez de procurar as cartas semelhantes, o que vai ter que buscar é pelas cartas que mostrem a igualdade entre homens e mulheres e entre as raças/etnias. Por exemplo, se abrirmos uma carta com uma mulher pilotando um avião, teremos que encontrar a carta com um homem pilotando um avião.
- Peça que formem grupos de quatro pessoas e distribua o jogo de cartas. Peça que as embaralhem e que as coloquem em oito colunas com quatro cartas em cada uma delas. Quem tiver mais pares de cartas ao final ganha o jogo. Este jogo pode ser feito pela internet. Está disponível em: <<http://cenfophistoria.wordpress.com/2010/07/16/jogos-on-line-sobre-diversidade/>>.
- Encerre explicando que, pela Constituição brasileira, todas as pessoas são iguais e têm os mesmos direitos.

Jogo da igualdade – Cartas

- Acesse o site e jogue on-line ou imprima as cartas do jogo.
(<http://cenfophistoria.wordpress.com/2010/07/16/jogos-on-line-sobre-diversidade/>)



Educação entre pares – Fanzine

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Construir, junto com os jovens, um fanzine sobre diversidade sexual.	Folhas de sulfite; revistas e jornais; computador com acesso à internet; impressora/copiadora; gravador; canetas coloridas; cola; tesouras	4 horas (a atividade pode ser dividida em várias aulas)	A partir do 7º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

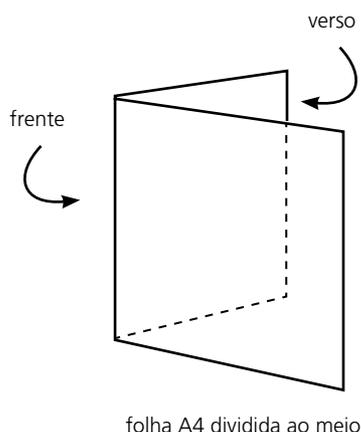
Parte 1

- Inicie a atividade comentando com os alunos que todos nós possuímos opiniões que podem ou não ser iguais às dos nossos amigos e familiares. Afinal, nenhuma pessoa é igual a outra. Saliente, também, que nossa opinião muda ao longo do tempo a partir das informações que recebemos na família, na escola e no nosso grupo de amigos.
- Informe que a ideia desta atividade é construir um fanzine, isto é, uma revista artesanal, sobre um tema que ainda é muito polêmico: a diversidade sexual, ou seja, as diferentes formas de amar e de expressar a sexualidade.
- Distribua o texto *Diversidades sexuais* para todos os alunos e peça para um aluno ler o primeiro parágrafo, o próximo aluno ler o segundo e assim por diante.
- Terminada a leitura, divida o grupo em quatro subgrupos e peça que procurem pensar em formas de passar essas informações para os outros adolescentes e jovens utilizando um fanzine. Por exemplo: entrevistando os professores da escola? Bolando uma história em quadrinhos? Elaborando uma poesia?
- Depois que decidirem o que conterà no fanzine, peça que eles contatem os entrevistados, que pesquisem sobre o tema na internet ou na biblioteca, que escrevam os textos (digitados ou escritos à mão), montem a história, tirem fotos ou procurem por imagens.

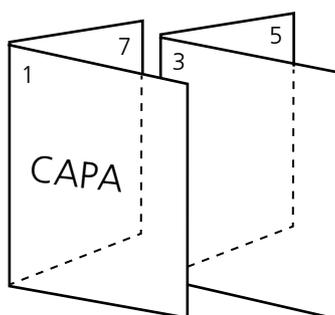
Parte 2

- Uma vez com os textos e imagens prontas, explique que o desafio, agora, é pensar em como colocar toda a produção do grupo na estrutura do fanzine.
- Distribua folhas de papel sulfite para os grupos e demonstre como fazer as dobraduras de acordo com os modelos seguintes:

1. Dobre a folha no meio:



- Chame a atenção para as quatro páginas que a dobradura tem, contando a frente e o verso. Faça o mesmo com uma segunda folha de sulfite e explique que os fanzines terão oito páginas. Peça que coloquem uma folha dobrada dentro da outra e que, depois, coloquem os números nas páginas: a de número um será a capa; na página 2 se colocará o nome das pessoas que fizeram o fanzine, nas de números 3 a 7, os textos e as imagens, e que a oitava será a contracapa.



- Uma vez definida a estrutura, peça que eles recheiem cada página com os conteúdos e imagens que planejaram.
- Explique que, quando o fanzine estiver pronto, é preciso revisá-lo para ver se não tem erros de português e se as páginas estão montadas corretamente. Depois, é preciso tirar as cópias, montar os fanzines e distribuí-los na escola.



A diversidade é legal!

Basta darmos uma olhada à nossa volta que já dá para perceber o tanto de gente diferente que existe. Pessoas mais magras, pessoas mais gordas; peles brancas, rosadas, amareladas, bronzeadas, negras; gente alta, gente baixa...

Todavia, existem algumas diferenças que, em vez de serem aceitas e respeitadas, se transformam em desigualdade, ou seja, fazem com que outras pessoas se sintam superiores e até com o poder de menosprezar as outras que não são iguais a elas.

Quer um exemplo?

No plano do desejo, tem meninos que gostam de meninas. Tem meninas que gostam de meninos. Tem meninas que gostam de meninas. Tem meninos que gostam de meninos. E ainda tem meninas e meninos que gostam tanto de meninas quanto de meninos. E esse gostar e desejar sexualmente uma pessoa tem nome: **orientação sexual**.

E a orientação sexual pode ser **heterossexual** – quando uma pessoa se sente atraída por alguém do outro sexo; **homossexual** – quando uma pessoa se sente atraída por alguém do mesmo sexo; e **bissexual** – quando alguém se sente atraído tanto pelo sexo feminino quanto pelo masculino.

E essa atração não tem nada a ver com uma escolha. Tem a ver, sim, com o desejo sexual de uma pessoa por outra.

Eu nasci assim, mas não concordo!

O **sexo biológico** de uma pessoa é constituído pelos órgãos genitais externos e internos. Assim, um homem tem pênis, testículos, canais deferentes, próstata etc. Já as mulheres têm mamas, vagina, útero, ovários.

Só que existem pessoas que não se sentem à vontade usando roupas e acessórios específicos para o sexo em que nasceram. Também, existem pessoas que acham que seu sexo biológico não corresponde ao que elas acham que deveriam ter.

Pois é, estamos falando de **travestis** e **transexuais**. Pessoas que constroem seu corpo a partir da forma como elas próprias se percebem.

Exemplificando, um homem usa roupas femininas e coloca silicone nas mamas para ter seios como os das mulheres. Entretanto, permanece com o pênis. É um **travesti**, ou seja, modifica seu corpo por que se sente, ao mesmo tempo, um ser feminino e masculino.

Já as e os **transexuais** sentem que seu sexo biológico é o oposto daquele que têm. Então, se for um homem que se sente mulher, faz uma operação para retirar o pênis e constrói uma vagina no lugar. Se for uma mulher que se sente um homem, tira os seios, o útero e constrói um pênis no lugar onde antes havia uma vagina. Esse tipo de operação chama-se **readequação sexual** e já pode ser feita no Brasil pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Concluindo...

Existem muitas e variadas formas de ser homem ou ser mulher. Existem, também, diferentes formas de viver, de expressar a sexualidade, de amar, de desejar.

Sentir atração ou gostar de uma pessoa do mesmo sexo é outra forma de expressar nossas emoções e de buscar afeto.

A homossexualidade – feminina e masculina –, a bissexualidade, a travestilidade e a transexualidade sempre existiram.

E, no Brasil de hoje, existem vários Estados em que a **homofobia** – as atitudes, sentimentos e atos hostis em relação à lésbicas, gays, bissexuais e travestis – já é vista como crime. O Estado de São Paulo é um deles.



LEIA MAIS

Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades – Carrie Pechter, Artmed (2009)

ASSISTA MAIS

Amelia – Direção de Mira Nair (2009)

Amelia Earhart foi a primeira mulher a completar a travessia do oceano Atlântico pilotando um avião. Este feito fez com que se tornasse uma celebridade nos Estados Unidos, onde passou a ser chamada de “Deusa da Luz” devido à sua ousadia e carisma. Casada com George Putnam, magnata do mercado editorial, e tendo o piloto Gene Vidal como seu grande amigo, Amelia decide, em 1937, embarcar na mais arrojada de suas missões: dar a volta ao mundo em um voo solo.

Maurice – Direção de James Ivory (1987)

Após ser apresentado a Lord Risley em uma de suas aulas, Maurice Hall, jovem estudante de Cambridge, é convidado a participar de um clube privado de discussões. Em busca do local onde seria realizado o encontro, conhece Clive Durham e os dois tornam-se imediatamente amigos inseparáveis. À medida que se tornam mais íntimos, ambos percebem que estão se apaixonando, mas evitam confessar a natureza de seus sentimentos, uma vez que a homossexualidade, além de socialmente condenada, ainda era considerada crime na Inglaterra no século XIX. Clive finalmente decide abrir-se com Maurice que, após reagir em um primeiro momento com repúdio, termina reconhecendo que se sente igualmente apaixonado pelo amigo. Os dois jovens iniciam um romance.

NAVEGUE MAIS

Homofobia e educação: um desafio ao silêncio

http://www.sxpolitics.org/pt/wp-content/uploads/2009/05/homofobia_e_educacao.pdf

Eu não quero voltar sozinho – Lacuna Filmes

<http://www.youtube.com/watch?v=1Wav5KjBHbl>

FERRAMENTAS 4 - BULLYING E OUTRAS VIOLÊNCIAS

Construção coletiva – Restaurar a paz nas escolas é possível?

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Envolver toda a comunidade escolar e responsáveis pelos projetos especiais – APE, PEF, PTE, PCP –, professores mediadores e da SPEC na busca por uma convivência mais pacífica nas escolas	Cópias do capítulo “Nível primário de intervenção: práticas restaurativas informais” (págs. 57 a 68); quadro de ideias, canetões e fita crepe	4 horas	Educadores

Passo a passo

Parte 1

- Inicie a HTPC explicando que a proposta é trabalhar com um dos textos do livro *Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores*, de Antonio Ozório Nunes, que faz parte do kit PTE/PCP de 2012.
- Distribua o texto e peça que cada educador leia um parágrafo em voz alta. Quando se iniciar a parte das dicas, ao final de cada uma delas pergunte aos educadores se aquela sugestão pode ou não ser implantada/adaptada à escola. Caso já se faça essa ação na escola, pergunte o que seria possível fazer para melhorá-la.
- Escreva no quadro as dicas que os educadores consideraram como possíveis de serem implantadas/implementadas na escola e explique que, nas outras HTPCs, as dicas escolhidas serão discutidas.

Parte 2

- Inicie a HTPC, apresentando as dicas que foram consideradas como factíveis para a promoção da cultura de paz.
- Peça que, por votação, escolham as cinco que acreditam serem as mais adequadas para se promover na escola.
- Peça que formem cinco grupos e que cada um escolha uma das dicas mais votadas. Em seguida, solicite que pensem em uma atividade que poderia ser organizada na escola a partir da dica que receberam.
- Quando terminarem, peça que cada grupo apresente sua ideia.

- Conforme o grupo for apresentando, preencha o quadro de ideias (ao final) e explique que, agora, é preciso envolver toda a comunidade escolar nessa discussão e que o primeiro passo será uma votação.
- Convide o grupo a elaborar vários quadros a serem colocados na sala dos professores, no local em que os funcionários se reúnem e no espaço mais frequentado pelos adolescentes.
- Peça a todos que expliquem e divulguem a proposta de votação das ideias em sala de aula e na sala de professores.
- O quadro ficará exposto por uma semana e, em seguida, será feita a contagem de votos. Os resultados deverão ser socializados também por meio de cartazes.
- Uma vez com estes resultados, organize um grupo formado por professores, alunos, funcionários e gestores do Programa Escola da Família e dos projetos SPEC, PTE e PCP para planejarem como essas ideias poderão ser colocadas em prática.

Quadro de ideias

Em sua opinião, qual ou quais dessas ideias contribuiriam para melhorar as relações de convivência na escola? Faça um X ao lado de duas ideias que, para você, são as mais importantes para diminuir a violência dentro da escola.	
Ideia 1 –	
Ideia 2 –	
Ideia 3 –	
Ideia 4 –	
Ideia 5 –	

Roda de conversa – O que é violência?

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Identificar o que os adolescentes e jovens entendem por violência e as formas possíveis para sua resolução.	Folhas de <i>flip chart</i> e canetões	1 hora	A partir do 5º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Inicie a atividade afirmando que, geralmente, quando falamos em violência pensamos em pessoas malvadas que agridem, roubam, matam e sequestram. Entretanto, se prestarmos atenção, veremos que existem outras formas de violência e que elas estão presentes o tempo todo nas relações entre as pessoas. Por exemplo:
 - ✓ quando um pai ou uma mãe bate em um filho ou uma filha;
 - ✓ quando uma pessoa se utiliza de outra – por meio da autoridade, da ameaça, da diferença de idade – para obter prazer sexual;
 - ✓ quando uma pessoa trata a outra como coisa, impedindo que a vontade, o desejo e a atividade do outro seja concretizada;
 - ✓ quando características como cor, sexo, origem, idade e diversidade sexual servem para justificar grosserias e preconceitos.
- Peça que o grupo pense em algumas violências que acontecem na escola e na comunidade e escreva-as em um papel grande. Quando se esgotarem as contribuições, abra para o debate a partir das seguintes perguntas:
 1. Como vocês definiriam violência?
 2. Por que as violências existem?
 3. Como diminuir as situações de violência na escola e na comunidade?
O que nós podemos fazer?
- Registre as contribuições no quadro e explique que, geralmente, se define violência como o *uso da força física ou do poder intencionalmente e pode ser contra si mesmo, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade. Considera-se violência como toda ação que resulte ou possa resultar de lesão, morte, problemas psicológicos e privação de alguma coisa – educação, saúde, liberdade etc.*

Oficina – A violência que rola no cotidiano

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Dar visibilidade aos diferentes tipos de violência que acontecem no cotidiano de todas as pessoas.	Folha de registro, folhas de <i>flip chart</i> e canetões de cores diferentes	3 horas	A partir do 6º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

Parte 1

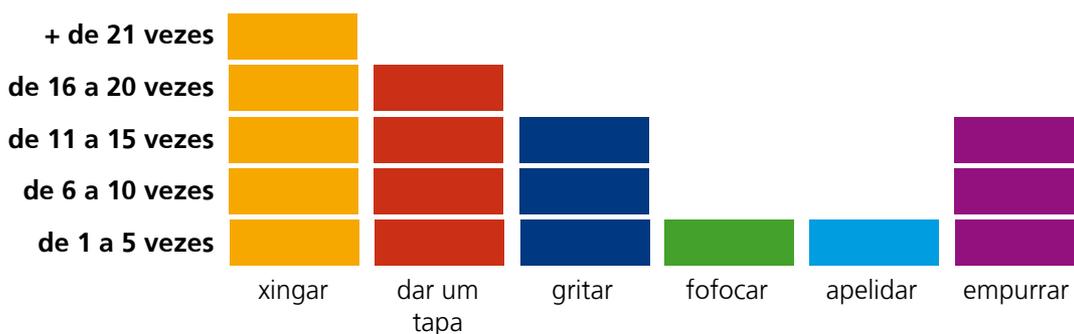
- Inicie o encontro lembrando que a violência está presente em diferentes situações e que, às vezes, nem percebemos certas ações/attitudes como violentas.
- Peça que o grupo dê exemplos de situações de violência que já presenciaram ou vivenciaram. Por exemplo: brigas e xingamentos depois de uma partida de futebol; apelidos chatos, gozação etc.
- Explique que, a partir de agora, cada pessoa deverá prestar muita atenção às situações de violência que ocorrem a sua volta. Ou seja, terão que ficar atentos a todas as violências que acontecem na hora do lanche, no caminho da escola para casa, nos programas de televisão a que assistem, nas músicas que escutam.
- Cada pessoa deverá prestar atenção em todas essas violências durante uma semana. Cada uma delas deverá ser registrada em uma folha de papel.
- Distribua a folha para o registro das violências presenciadas como no exemplo abaixo:

Data	Local	Descrição da violência
27/10	na rua	Um menino xingou a mãe do outro de vagabunda.
28/03	no campo de futebol em casa	Depois do jogo, a torcida do Palmeiras partiu para cima da torcida da Portuguesa. Minha irmã me deu um tapa na cara.
29/03	na festa na casa do vizinho	Escutei uma música em que o cantor ridicularizava os homossexuais.
30/03		
31/03		
01/04		
02/04		

Parte 2

- Depois de uma semana, inicie o encontro solicitando que os alunos leiam as violências que presenciaram. Escreva cada uma delas no quadro em forma de uma lista. Caso elas se repitam, peça que contabilizem o número de vezes que ocorreram. Por exemplo: gritos (3); soco (2).
- Quando os grupos terminarem, coloque uma outra folha de *flip chart* na parede e peça que cada grupo diga os tipos de violência que presenciaram e quantas vezes. Junte todas as contribuições e, em conjunto com os alunos, faça uma tabela a partir de outra folha de *flip chart* quadriculada, como mostra o exemplo seguinte:

Gráfico da violência no cotidiano



- Uma vez feito o gráfico, explore com os participantes os locais em que essas violências aconteceram: no espaço público, na família, na escola, na comunidade.
- Encerre explicando que a violência ocorre em todos os lugares, mesmo naqueles em que não se espera que aconteçam. Informe que, no próximo encontro, será trabalhado um jogo para se conhecerem os diferentes tipos de violência existentes.

Dica: esta oficina poderá ser desenvolvida na aula de matemática

Jogo – Tipos de violência

Objetivo	Materiais	Tempo	Ciclo
Conhecer e reconhecer os diferentes tipos de violência.	Um diagrama e a folha com os tipos de violência para cada participante; caneta ou lápis	Duas horas	A partir do 6º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Distribua o diagrama e a lista dos tipos de violência para cada participante (a seguir).
- Explique que, em cada linha, existe um tipo de violência especificado na lista **tipos de violência**⁷.
- Solicite que preencham os quadradinhos de acordo com o número de letras e com a palavra correspondente à definição.
- Quando não souberem, peça que prestem atenção nos números que existem abaixo dos quadradinhos e que preencham todos os que estiverem com o mesmo número de uma letra que já está impressa. Por exemplo, se o número da letra **L** é **12**, que escrevam a letra **L** em todos os lugares em que aparece esse número.
- Dê cerca de 20 minutos para que todos preencham o quadro e corrija o exercício. Explique cada uma das formas de violência que apareceram no diagrama e peça que digam, lembrando do gráfico que fizeram, quais são as violências que apareceram: física, psicológica, sexual, moral, baseada em gênero, bullying, cyberbullying, institucional ou patrimonial.
- Abra para o debate para as dúvidas e comentários que se têm até aqui.
- Encerre dizendo que, no próximo encontro, a proposta será construir um jornal mural falando sobre a pesquisa, os tipos de violência e sugestões para superar as violências que ocorrem na escola.

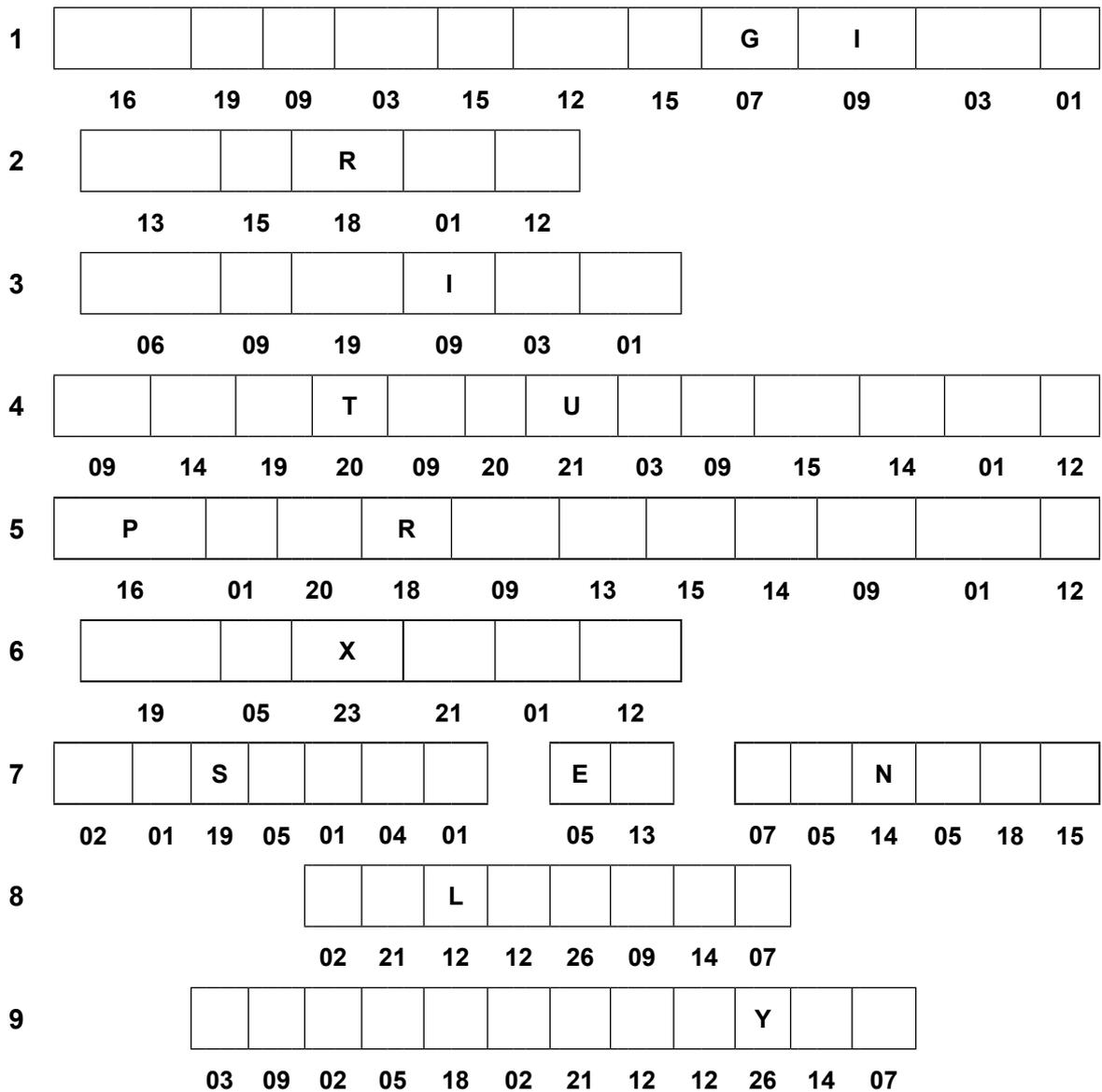
7. Respostas: 1 – psicológica; 2 – moral; 3 – física; 4 – institucional; 5 – patrimonial; 6 – sexual; 7 – baseada em gênero; 8 – bullying; 9 – cyberbullying.



Tipos de violência

1. Ação ou omissão destinada a controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio da ameaça, humilhação, exclusão ou qualquer outra conduta que prejudique a autoestima ou o desenvolvimento de uma pessoa.
2. Ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou reputação de uma pessoa.
3. Ação ou omissão que coloque em risco ou cause dano à integridade física de uma pessoa.
4. Tipo de violência motivada por desigualdades – orientação sexual diferente da heterossexual, de gênero, étnico-raciais, econômicas etc. – existentes em uma sociedade. Essas violências aparecem em diferentes instituições como a escola, o serviço de saúde etc.
5. Ato que implica em destruir ou esconder objetos ou documentos pessoais de outras pessoas.
6. Qualquer ato sexual não desejado ou a tentativa de obtê-lo por meio de ameaça ou chantagem. Aparece por meio de piadas; comentários grosseiros sobre o corpo de outra pessoa; toque de certas partes do corpo de uma pessoa sem pedir autorização; recusa de usar o preservativo para prevenir uma infecção sexualmente transmissível ou HIV/aids ou, ainda, recusa de utilizar o preservativo ou outro método contraceptivo para evitar uma gravidez.
7. Tipo de violência que acontece pelo fato de uma pessoa ser homem ou mulher. Por exemplo: xingamentos no trânsito do tipo “vá pilotar o tanque, dona Maria” ou pressionar um homem para transar quando não quer dizendo que se ele não topa é porque ele é gay.
8. Um fenômeno de grupo em que a agressão acontece entre iguais, ou seja, pessoas que têm mais ou menos a mesma idade e convivem no mesmo espaço.
9. Mensagens difamatórias ou ameaçadoras que circulam por e-mails, sites, blogs, celulares, sites de relacionamento como o Orkut, o Facebook ou o Twitter.

Diagrama



Educação entre pares – Jornal mural

Objetivo	Materiais	Tempo	Ciclo
Favorecer a comunicação entre os adolescentes por meio da construção de um jornal mural.	Jornais do bairro, do município e do estado; 2 metros de papel kraft; cola, tesouras, canetões, folhas coloridas	6 horas	A partir do 6º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Recupere com os participantes as discussões e atividades que já foram realizadas sobre o tema violência na escola.
- Em seguida, lembre que muitas dessas ações ocorreram com o objetivo de, no mínimo, diminuir a violência dentro da escola.
- Explique que a proposta dessa atividade é a confecção de um jornal mural, ou seja, um jornal para se colocar em uma parede. Só que, antes, é preciso pensar no que será escrito nele.
- Peça que, sem censura, os alunos falem o que um jornal mural que tem como tema a violência na escola e na comunidade deveria conter. Conforme eles colocarem suas ideias, registre-as em uma folha de *flip chart*.
- Uma vez com o quadro de ideias prontas, explique que o jornal mural será elaborado em uma folha de papel kraft de mais ou menos dois metros. Explique que, geralmente, um jornal mural tem:
 1. um nome
 2. a data em que foi elaborado
 3. as manchetes, ou seja, os assuntos que o jornal mural contém
 4. uma entrevista com alguém que fale sobre o tema
 5. ilustrações, fotografias
 6. resultados de pesquisas
 7. artigos sobre o tema escritos ou recortados de outros jornais
 8. endereços de onde buscar mais informações ou procurar por ajuda
- Na medida do possível, pesquise na internet algumas imagens de jornais murais.
- Divida o grupo em 4 subgrupos:
 - **Grupo 1** – entrevistar um professor ou coordenador da escola. Caberá a esse grupo elaborar as perguntas e, depois, digitar ou escrever à mão as perguntas e as respostas;

Grupo 2 – buscar imagens, fotografias e pesquisas sobre violência na escola (em livros, jornais, folhetos, internet etc.);

Grupo 3 – procurar notícias atuais sobre a violência entre adolescentes e na escola e escrever um artigo sobre o levantamento feito na sala de aula durante a oficina;

Grupo 4 – levantar os locais na comunidade em que um adolescente poderá buscar por ajuda se sofrer algum tipo de violência (Conselho Tutelar, Delegacia da Mulher, Vara da Infância e da Adolescência, organizações não governamentais etc.), explicando o que cada instituição faz.

- Quando todas as tarefas estiverem terminadas, reúna o grupo e monte o jornal mural. Lembre a todos que é preciso colocar o nome da escola, escrever a data em que ele ficou pronto e, na primeira coluna, escrever as manchetes, ou seja, os assuntos que são tratados. Lembre, também, que os títulos têm que ser escritos em letra grande para que as pessoas consigam ler de longe.
- Quando o jornal estiver montado, peça que sugiram o nome do jornal. Escreva as sugestões em uma folha e, depois, abra para a votação.
- Finalmente, é preciso encontrar um local de fácil acesso, de boa visibilidade e com espaço suficiente para que os adolescentes leiam as notícias sem perturbar a movimentação interna ou se aglomerar. Um corredor estreito, por exemplo, não é um local adequado. Melhor colocar no refeitório ou nas áreas de lazer.

Dica: essa atividade pode ser realizada em conjunto com diferentes professores: de artes, de língua portuguesa, de informática etc.

LEIA MAIS

Justiça – pensando alto sobre violência, crime e castigo

Luiz Eduardo Soares, 2011 (Nova Fronteira)

ASSISTA MAIS

Ponte para Terabítia – Direção de Gabor Csupo (2007)

Jess Aarons sente-se um estranho na escola e até mesmo em sua família. Durante todo o verão ele treinou para ser o garoto mais rápido da escola, mas seus planos são ameaçados por Leslie Burke, que vence uma corrida que deveria ser apenas para garotos. Logo Jess e Leslie tornam-se grandes amigos e, juntos, criam o reino secreto de Terabítia, um lugar mágico onde apenas é possível chegar se pendurando em uma velha corda, que fica sobre um riacho perto de

suas casas. Lá eles lutam contra Dark Master e suas criaturas, além de conspirar contra as brincadeiras de mau gosto que são feitas na escola.

Um olhar do paraíso – Direção de Peter Jackson (2009)

Susie Salmon está voltando para casa quando é abordada por George Harvey, um vizinho que mora sozinho. George a convence a entrar em um retiro por ele construído. Lá dentro, Susie é assassinada. Os pais de Susie, Jack e Abigail, inicialmente se recusam a acreditar na morte da filha, mas precisam aceitar a situação quando seu gorro é encontrado em meio a um milharal, junto a destroços do retiro que estão repletos de sangue. Em meio às investigações, a polícia conversa com George mas não o coloca entre os suspeitos. Com o tempo Jack e Lindsey, irmã de Susie, passam a desconfiar de George. Toda a situação é observada por Susie, que agora está em um local entre o paraíso e o inferno. Lá ela precisa lidar com o sentimento de vingança que nutre em relação a George e a vontade de ajudar sua família a superar o trauma de sua morte.

Flor do deserto – Direção de Sherry Horman

Waris Dirie nasceu em uma família de criadores de gado nômades, na Somália. Aos 13 anos, para fugir de um casamento arranjado, ela atravessou o deserto por dias até chegar em Mogadishu, capital do país. Seus parentes a enviaram para Londres, onde trabalhou como empregada na embaixada da Somália. Waris passou toda a adolescência sem ser alfabetizada. Quando vê a chance de retornar ao país, ela descobre que é ilegal na Somália e não tem mais para onde ir. Com a ajuda de Marilyn, uma descontraída vendedora, consegue um abrigo e passa a trabalhar em um restaurante *fast food*, onde é descoberta pelo famoso fotógrafo Terry Donaldson. Por meio da ambiciosa Lucinda, sua agente, Waris torna-se modelo. Só que, apesar da vida de sucesso, ela ainda sofre com as lembranças de um segredo de infância.

NAVEGUE MAIS

Violência na escola: um guia para pais e professores

<http://www.nevusp.org/downloads/down235.pdf>

Violência que rola

<http://www.youtube.com/watch?v=JF0uWUnd-YE>

Campanha “Não Bata: Eduque”

<http://www.naobataeduque.org.br/site/campanha/index.php>

FERRAMENTAS 5 - ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS

Construção coletiva: Álcool, tabaco e outras drogas

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Discutir as possíveis linhas de atuação no trabalho de prevenção ao uso do álcool, tabaco e outras drogas.	Quadro ou <i>flip chart</i> e canetões	2 horas	Educadores

Passo a passo

- Inicie a HTPC explicando que, historicamente, existem vários modelos de como se trabalhar na área da prevenção ao uso do álcool, tabaco e outras drogas. Peça que os educadores relatem as formas como sua escola vem trabalhando com o tema.
- Escreva esses formatos e conteúdos no quadro e explique que, de acordo com estudiosos da área, ao longo do tempo se trabalhou com várias estratégias:
 - ✓ promovendo estilos de vida associados à boa saúde, à alimentação balanceada, a exercícios físicos, à vida sexual segura;
 - ✓ entendendo o uso de drogas como válvula de escape diante das tensões sociais e priorizando intervenções a partir de atividades culturais e esportivas nos finais de semana;
 - ✓ oferecendo um conjunto de técnicas para fortalecer a autoestima, a capacidade de lidar com a ansiedade e a resistir às pressões do grupo;
 - ✓ com modelos que abordam as drogas apenas do ponto de vista dos efeitos na vida da pessoa ou que optam pelo amedrontamento (*a droga mata!*).
- Conforme for explicando esses modelos, situe os formatos que foram citados pelos educadores dentro de cada um deles.
- Apresente o livro *Uso de drogas e prevenção*, do psicólogo e professor Marcelo Sodelli, que faz parte do kit 2012 dos projetos *Prevenção Também se Ensina* (PTE) e *Comunidade Presente* (PCP). Ressalte que, nessa publicação, o autor aproxima o sentido de prevenir com o sentido de educar, a partir da construção de um modelo que responda de modo mais realista às questões relacionadas ao uso do álcool, tabaco e outras drogas, afirmando que, de acordo com o autor, existem dois modelos de prevenção: o proibicionista e a redução de danos. Sodelli defende o uso do termo “ações redutoras das vulnerabilidades” no lugar de redução de danos e aponta uma proposta de

prevenção ao uso de substâncias psicoativas a partir da valorização de intervenções participativas voltadas para os alunos, corpo docente, familiares e funcionários de apoio.

- Abra para o debate e encerre informando que os kits anteriores já oferecem materiais escritos e audiovisuais sobre o tema do álcool, tabaco e outras drogas. No kit de 2012 também se encontra o livro *Álcool, cigarro e drogas*, de Jairo Bouer, direcionado para adolescentes.

Roda de conversa: Que droga!

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Incentivar o diálogo e a reflexão sobre o que são drogas e os diferentes pontos de vista sobre o uso dessas substâncias.	Quatro folhas de <i>flip chart</i> , quatro canetões	1 hora e meia	A partir do 8º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Antes de iniciar a roda, escreva uma pergunta no alto de cada folha de *flip chart*:
 1. O que é o álcool?
 2. Quem é que bebe?
 3. Em que lugares o álcool está?
 4. Quais são os riscos do uso excessivo do álcool?
- Cole cada uma dessas folhas em um canto da sala.
- Quando o grupo chegar, peça que ele se subdivida em quatro grupos e que cada um se dirija à pergunta que está em um canto da sala.
- Entregue um canetão para cada grupo, peça que leiam a pergunta colocada na parede, discutam as possíveis respostas e escrevam na folha a resposta que acharem mais adequada. Dê para o grupo cerca de três minutos para que respondam à pergunta.
- Ao término do tempo, solicite que façam um rodízio, ou seja, quem respondia à pergunta 1, vai para a 2, e assim por diante. Peça que complementem a resposta do grupo anterior. Três minutos depois, peça que, novamente, os alunos se desloquem para a próxima questão e a complementem.
- Quando os subgrupos responderem a todas as questões, solicite que voltem para a roda e leiam as respostas do grupo, esclarecendo as dúvidas e corrigindo os equívocos.
- Abra para o debate a partir das seguintes perguntas:
 - ✓ Qual ou quais são as drogas mais consumidas pelos adolescentes?
 - ✓ Se um adolescente do sexo masculino se recusa a beber algo alcoólico com os amigos, o que acontece?
 - ✓ Se um amigo ou uma amiga bebeu mais do que devia e ainda quer ir para casa dirigindo, o que a gente deve fazer?
 - ✓ O que vocês fariam caso um amigo ou uma amiga desmaiasse em uma balada depois de consumir bebidas alcoólicas?

- Finalize a roda de conversa explicando que:
 - ✓ ao contrário do que muita gente pensa, o álcool é a droga mais consumida tanto por adolescentes quanto por adultos;
 - ✓ o uso dessa substância provoca diversos efeitos, que aparecem em duas fases distintas: uma estimulante e outra depressora. No início da ingestão de álcool podem aparecer efeitos estimulantes como euforia, desinibição e maior facilidade para se comunicar. Com o passar do tempo, começam a surgir efeitos depressores como falta de coordenação motora, descontrole e sono;
 - ✓ pessoas dependentes do álcool podem desenvolver várias doenças. As mais frequentes estão relacionadas ao fígado – hepatite alcoólica ou cirrose –, mas outros órgãos dos sistemas digestório e cardiovascular também podem ser comprometidos;
 - ✓ no caso de um amigo desmaiar ou passar mal por ter utilizado tanto o álcool quanto outra droga, é preciso entrar em contato o mais rápido possível com o SAMU, pelo telefone 192, não forçar a pessoa a tomar água ou café ou a vomitar e, se ela estiver consciente, fazê-la caminhar. Se a pessoa estiver inconsciente, deitá-la de lado e colocar sua cabeça também de lado. Tanto a pessoa que passou mal quanto quem telefonou e a acompanhou ao serviço de saúde estão protegidas de inquérito policial.

Oficina – Em busca dos porquês

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Estimular a compreensão das motivações.	Quadro com os tipos de drogas, tiras com perguntas, lápis, papel, canetões e fita crepe	2 horas	A partir do 8º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Explique que, nesta oficina, a discussão será sobre os motivos que levam as pessoas a utilizar determinados tipos de drogas.
- Antes de iniciar a atividade, explique que por drogas entendemos: *as substâncias que causam mudanças em nossa forma de ver, sentir e compreender a realidade*. De acordo com os pesquisadores da área, as drogas dividem-se em três tipos: depressoras, estimulantes e perturbadoras.
- Divida o quadro em três partes e escreva as palavras: depressora, estimulante e perturbadora. Peça que, primeiramente, os alunos digam o que lhes vem à cabeça quando escutam a palavra *depressora*. Escreva as contribuições no quadro em forma de palavras-chave. Faça o mesmo com as palavras *estimulante* e *perturbadora*.
- Apresente o quadro “Tipos de drogas”, explique os efeitos de cada uma delas no comportamento das pessoas e quais são as drogas que apresentam esse efeito.
- Uma vez definidas, divida os alunos em três grupos e distribua os seguintes blocos de questões para cada um deles:



Grupo 1

- a) *Por que uma pessoa quer relaxar, dormir ou ficar mais calma?*
- b) *O que ela poderia fazer para conseguir ficar desse jeito sem o uso de drogas?*



Grupo 2

- a) *Por que uma pessoa quer ficar mais elétrica, acordada, ativa?*
- b) *O que ela poderia fazer para conseguir ficar desse jeito sem o uso de drogas?*



Grupo 3

- a) *Por que uma pessoa quer ver a realidade de outra maneira?*
- b) *O que ela poderia fazer para conseguir ficar desse jeito sem o uso de drogas?*



Solicite que cada grupo discuta e responda a essas perguntas e, quando terminarem, apresentem suas conclusões.

- Escreva no quadro as conclusões elaboradas pelos grupos e explique que as drogas são classificadas a partir dos efeitos que causam no cérebro. Esses efeitos, entretanto, também dependem dos fatores individuais de quem as consome: como ela está se sentindo naquele momento, como ela gostaria de ser, com quem está etc.
- Encerre a oficina explicando que existem diferentes fatores que fazem com que as pessoas utilizem o álcool, o tabaco ou outras drogas e que devem ser levados em consideração quando se pensa em ajudar um colega que faz uso de algumas dessas substâncias. Reforce que existem, também, diversas condições que podem deixar os adolescentes e jovens mais protegidos ou mais vulneráveis aos danos associados ao uso de álcool e outras drogas, entre elas: o grupo familiar, a existência de redes de apoio social, abertura de diálogo sobre o assunto nas escolas – com professores e em grupos de adolescentes e jovens –, maior igualdade de gênero nas relações entre homens e mulheres, acesso a informações de qualidade e a serviços de saúde mais acolhedores para adolescentes e jovens.

Quadro – Tipos de drogas

Tipo	Efeitos	Quais são
Depressoras	São substâncias que diminuem a atividade do cérebro, ou seja, deprimem seu funcionamento. As pessoas que fazem uso dessas substâncias ficam “desligadas”, mais lentas ou desinteressadas.	Álcool Calmantes ou sedativos Inalantes ou solventes Opiáceos ou narcóticos (morfina, heroína) Ansiolíticos (benzodiazepínicos)
Estimulantes	São substâncias que aumentam a atividade do cérebro, ou seja, estimulam seu funcionamento, fazendo com que o usuário fique ligado, elétrico, sem sono.	Anfetamínicos (bolinhas) Anorexígenos (remédios que diminuem a fome) Cocaína Crack Nicotina (tabaco)
Perturbadoras	São substâncias que modificam qualitativamente a atividade cerebral, isto é, o cérebro passa a funcionar de forma desordenada e a pessoa fica com a mente perturbada.	Maconha Lírio (trombeteira, zabumba ou saia-branca) LSD-25 Êxtase Anticolinérgicos (Artane, Bently)

Jogo – Bingo das drogas

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Conhecer os diferentes termos referentes ao álcool, tabaco e outras drogas.	Cópia das cartelas para todos	Uma hora	A partir do 8º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Inicie a atividade perguntando se alguma vez eles e elas ouviram falar de um jogo chamado bingo.
- Explique que, nesse jogo, as pessoas recebem cartelas com vários números. Estes números são sorteados e ganha quem preencher primeiro sua cartela. Só que a proposta agora é um pouco diferente: cada participante recebe uma cartela em que existem palavras que têm a ver com o tema drogas.
- Distribua as cartelas e explique que serão sorteadas descrições de cada uma dessas palavras e os participantes terão que adivinhar qual é ela. Quando adivinharem a correta, quem tiver a palavra deve fazer um **X** no quadradinho ao lado delas.
- Ganha quem preencher a cartela toda em primeiro lugar. No entanto, o jogo continuará até todas as palavras serem sorteadas.
- Quando terminar o jogo, abra para perguntas e esclarecimentos.
- Finalize a atividade enfatizando que um dos grandes problemas do uso de qualquer droga, seja ela legal ou ilegal, é que elas afetam o grau de consciência das pessoas, dificultando a prevenção. Quando a pessoa está sob o efeito do álcool ou de outra droga, pode não se lembrar da camisinha na hora do sexo. Da mesma forma, uma menina sob o efeito dessas substâncias pode não se sentir à vontade para pedir que o parceiro utilize o preservativo. Da mesma forma, as pessoas podem achar que estão em condições de dirigir e provocarem um acidente.

Cartelas

1			
CRACK			HABITUAL
	ABSTINÊNCIA	OVERDOSE	
TRAGADA			TOLERÂNCIA



2			
OCASIONAL			DEPENDÊNCIA
	TABACO	ÁLCOOL	
INALADA			CANNABIS



3			
TOLERÂNCIA			OCASIONAL
	CACHIMBO	REDUÇÃO DE DANOS	
CANNABIS			TABACO



4			
OVERDOSE			INALADA
	OCASIONAL	ABSTINÊNCIA	
LSD			CRACK



5			
LSD			ÁLCOOL
	TRAGADA	EXPERIMENTAL	
TOLERÂNCIA			TABACO



6			
TRAGADA			DEPENDÊNCIA
	INALADA	OCASIONAL	
ABSTINÊNCIA			ÁLCOOL

7			
CANNABIS			
	CACHIMBO		HABITUAL
OVERDOSE		REDUÇÃO DE DANOS	EXPERIMENTAL



8.			
SNC			
	OVERDOSE		ÁLCOOL
CANNABIS		CACHIMBO	OCASIONAL



9			
ÁLCOOL			
	INALADA		SNC
TABACO		RECREATIVO	TRAGADA



10			
SNC			
	CACHIMBO		CANNABIS
REDUÇÃO DE DANOS		ÁLCOOL	EXPERIMENTAL

Descrições



Seus principais efeitos no sistema nervoso central consistem em: melhora do humor e diminuição do apetite. Quando usada ao longo do tempo, pode provocar o desenvolvimento de **tolerância**, ou seja, a pessoa tende a consumir um número cada vez maior dessa substância para sentir os mesmos efeitos. É a segunda droga mais consumida pelos jovens. **(Tabaco)**



Conjunto de sinais e sintomas decorrentes da falta de uso do álcool, tabaco e outras drogas entre pessoas dependentes. **(Abstinência)**



Nos primeiros momentos após sua ingestão, a pessoa pode ficar eufórica, desinibida e com maior facilidade para falar. Com o passar do tempo, começam a surgir os efeitos depressores, como falta de coordenação motora, descontrole e sono. Essa droga é legalizada e responsável por um número muito grande de acidentes de trânsito. **(Álcool)**



Essa droga já era conhecida há pelo menos 5 mil anos, sendo utilizada para fins medicinais e para provocar euforia. O uso continuado dessa planta pode afetar vários órgãos do corpo, principalmente os pulmões. O uso frequente também diminui a produção de espermatozoides pelos testículos. **(Cannabis)**



É um instrumento utilizado para se fumar, geralmente, tabaco. Os usuários de crack costumam improvisar esse instrumento utilizando latas de refrigerante furadas. Assim, além dos prejuízos trazidos por esta droga, ainda queimam os lábios ficando, assim, mais vulneráveis a infecções. **(Cachimbo)**



A duração dos efeitos desta droga é muito rápida quando fumada. Em média, em torno de 5 minutos. Isso faz com que o usuário volte a utilizar a droga com mais frequência (praticamente de 5 em 5 minutos), levando-o à dependência muito mais rapidamente que outras drogas, como a cocaína. **(Crack)**



É quando o álcool, o tabaco ou as outras drogas assumem um papel prioritário na vida de quem os utiliza, de modo que os usuários necessitem consumir a substância constantemente para se sentirem bem ou evitar sensações de sofrimento. **(Dependência)**

g

É quando o uso da substância fica mais frequente, ou seja, começa a fazer parte da rotina. Por exemplo, tomar um relaxante muscular ou fumar um baseado toda noite antes de dormir para relaxar. **(Habitual)**

g

É o processo de se introduzir a droga no organismo por meio da aspiração, pelo nariz ou pela boca. Por exemplo, cola de sapateiro, acetona, corretivo etc. **(Inalada)**

g

É uma droga sintética, ou seja, feita em laboratório, que provoca alucinações auditivas e visuais. Os efeitos físicos dessa droga são: dilatação das pupilas, muito suor, aumento das batidas do coração, calor, enjoo e vômitos. **(LSD)**

g

É o padrão de uso de uma determinada substância somente em ocasiões especiais como, por exemplo, em festas de casamento para brindar à felicidade dos noivos. **(Ocasional)**

g

É o termo utilizado para se referir ao consumo de determinadas drogas ou medicamentos maior do que o corpo é capaz de metabolizar. Provocam um quadro grave de intoxicação. A maioria de casos como este no Brasil se deve à utilização de drogas lícitas como analgésicos tomados para acabar com a dor. **(Overdose)**

g

A pessoa só usa a substância uma vez para experimentar seus efeitos devido à curiosidade. **(Experimental)**

g

É a região do cérebro responsável por nossas percepções, sensações e comportamentos. **(SNC – Sistema Nervoso Central)**

É a estratégia de promoção da saúde voltada para aquelas pessoas que não conseguem parar de utilizar uma determinada droga. A pessoa não para de usá-la mas diminui, por exemplo, a quantidade do uso de uma determinada droga ou a substitui por uma outra que provoque menos riscos à saúde. **(Redução de danos)**

§

É a situação em que o uso continuado faz com que seja preciso aumentar progressivamente a dose para conseguir o mesmo efeito. Isso acontece com alguns tipos de drogas como: álcool, anfetamínicos, cocaína e xaropes que contenham a codeína em suas fórmulas. **(Tolerância)**

§

É o processo de se introduzir a fumaça no organismo. **(Tragada)**

§

Educação entre pares – Teatro-fórum

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Favorecer a percepção dos sentimentos de uma pessoa que, por utilizar uma determinada substância, é discriminada por seus pares e pelas instituições.	Lápis, papel, canetões, fita crepe	2 horas	A partir do 8º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Pergunte aos participantes quem gostaria de participar da criação de uma cena de teatro.
- Quando os voluntários se apresentarem, informe que a proposta é que eles criem uma história que trate do uso de medicamentos para emagrecer por uma menina e o uso de anabolizantes por um menino. Explique que, nessa cena, será preciso que inventem situações em que as pessoas do entorno – amigos, professores, profissionais da saúde, grupo familiar – só critiquem o uso dessas substâncias e que o final seja infeliz. Essa cena será apresentada para o resto do grupo e eles entrarão no lugar dos personagens para falar das consequências do uso dessas drogas e o que o casal poderia fazer em vez de tomar esses medicamentos. Um dos participantes deverá fazer o papel de curinga, ou seja, irá narrar a cena e perguntar se alguém de fora do grupo quer entrar no lugar de um personagem para dar outro rumo à história.
- No dia da apresentação, o grupo do teatro começa a apresentação lendo o roteiro. As demais pessoas da sala deverão prestar muita atenção ao enredo.
- Quando terminarem a leitura, explique que, agora, o grupo de teatro representará a cena. Depois de apresentada a cena, explique que ela será apresentada repetidamente até que o grupo, como um todo, encontre um final satisfatório para ela. Informe que para chegar neste final será preciso mexer nas falas de alguns personagens. Assim, em alguns momentos, o **curinga** irá perguntar se alguém do grupo acha que deve entrar no lugar de algum personagem para modificar a situação. Por exemplo: se alguém achar que o professor está mal informado, deve entrar no lugar dele para dar a informação correta.
- Quando o final da história foi aprovado por todos, abra para a discussão a partir das seguintes perguntas:
 1. O que você sentiu quando a cena foi apresentada pela primeira vez?
 2. Por que os personagens principais da cena utilizavam anabolizantes e remédios para emagrecer?

3. Vocês acham que homens e mulheres sofrem influência dos ideais de beleza feminino e masculino que aparecem nas novelas e filmes? Como?
 4. O que seria preciso fazer para que as pessoas cuidassem do corpo sem apelar para medicamentos que trazem problemas para a saúde?
 5. O que acharam das modificações que foram feitas ao final da cena?
- Explique que essa técnica é conhecida como *Teatro do Oprimido* ou *Teatro-fórum*. Nela busca-se romper os rituais tradicionais do teatro que reduzem o público ao imobilismo, à passividade. A ideia é o estabelecimento de um diálogo entre palco e plateia, em que os espectadores se autoativariam ao entrar em cena para transformar a peça.
 - Encerre explicando que, muitas vezes, existe uma pressão muito grande para as mulheres serem magras nos dias de hoje. Assim, muitas meninas utilizam medicamentos para emagrecer influenciadas pelos ideais de beleza presentes na mídia. Em relação aos meninos, os anabolizantes – são substitutos sintéticos da testosterona, hormônio sexual masculino usado frequentemente para aumentar os músculos do corpo – são muito utilizados por aqueles que buscam um corpo “sarado” (forte, desenvolvido). Ambas as substâncias trazem uma série de problemas de saúde para quem os utiliza.

LEIA MAIS

Adolescência e drogas

Ilana Pinsky e Marco Antonio Bessa. Editora Contexto, 2006

ASSISTA MAIS

Só um tapinha não dói – Episódio 49 da 2ª temporada do programa *A Grande Família*, da Rede Globo de Televisão (2002)

Tuco e seus amigos fazem um bolo em que um de seus ingredientes é a maconha. Lineu, seu pai come um pedaço desse bolo e, a partir daí, várias situações engraçadas acontecem. Propicia uma boa discussão sobre drogas lícitas e ilícitas.

Obrigado por fumar – Direção Jason Reitman (2006)

Nick Naylor é o principal porta-voz das grandes empresas de cigarros, ganhando a vida defendendo os direitos dos fumantes nos Estados Unidos. Desafiado pelos vigilantes da saúde e também por um senador oportunista, Ortolan K. Finistirre, que deseja colocar rótulos de veneno nos maços de cigarros, Nick passa a manipular informações de forma a diminuir os riscos do cigarro em programas de TV. Além disto Nick conta com a ajuda de Jeff Megall, um poderoso agente de Hollywood, para fazer com que o cigarro seja promovido nos filmes.

Sua fama faz com que Nick atraia a atenção dos principais chefes da indústria do tabaco e também de Heather Holloway, a repórter de um jornal de Washington que deseja investigá-lo. Nick repetidamente diz que trabalha apenas para pagar as contas, mas a atenção cada vez maior que seu filho Joey dá ao seu trabalho começa a preocupá-lo.

É proibido fumar – Direção Anna Muylaert (2009)

Baby vive sozinha no apartamento que herdou da mãe. Ela dá aulas de violão para alguns alunos e vive em atrito com as irmãs. Quando o músico Max se muda para o apartamento vizinho, Baby vê nele a grande chance de voltar à vida. Para que o romance dê certo ela está disposta a enfrentar qualquer ameaça, inclusive seu vício compulsivo por fumar.

NAVEGUE MAIS

Redução de danos do uso indevido de drogas no contexto da escola promotora de saúde

Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232010000300005&script=sci_arttext>.

Levantamento sobre o uso de substâncias psicoativas entre estudantes da rede pública e particular das 26 capitais e Distrito Federal – 2010

Disponível em: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Apresentacoes/328357.pdf>>.

FERRAMENTAS 6 - PREVENÇÃO ÀS DST/HIV E AIDS

Construção coletiva: Prazer e prevenção

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Promover uma discussão sobre a forma como a escola trabalha com os temas prazer e prevenção ao HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis.	Folha de <i>flip chart</i> e canetões	2 horas	Educadores

Passo a passo

- Inicie a HTPC perguntando aos educadores quais são os conteúdos que têm sido trabalhados no que diz respeito à prevenção das DST/HIV/aids com os alunos e familiares. Peça que deem exemplos.
- Anote no quadro do lado esquerdo, em forma de palavras-chave, os conteúdos que foram relatados.
- Procure identificar aqueles que dizem respeito mais aos sintomas e sinais das doenças e suas consequências na vida das pessoas. Faça um **X** ao lado dessas palavras. Em seguida, peça que identifiquem as palavras que tenham a ver com prevenção e proteção. Desenhe um **P** ao lado dessas palavras. Finalmente, pergunte quais desses conteúdos abordam a questão do *prazer*. Faça um 😊 ao lado dessas palavras.
- Contabilize os tipos de conteúdos (**X**, **P** e 😊) e, em seguida, analise os resultados em conjunto com os educadores.
- Explique que, uma vez que já vivemos com o HIV e a aids há mais de 30 anos, foram acrescentados novos conteúdos e formatos para se trabalhar com a prevenção na escola. Destaque que, no começo, a abordagem era centrada mais no comportamento individual e, depois, se percebeu que alguns aspectos da cultura e da sociedade deixavam alguns grupos mais vulneráveis que outros à infecção pelo HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis. O acesso à informação, aos serviços de saúde e aos insumos de prevenção – preservativos, profilaxia pós-exposição, géis lubrificantes – são indicadores importantes para estabelecer quais são as populações mais ou menos vulneráveis às DST/HIV/aids. As desigualdades de gênero, raça/etnia, classe social e orientação sexual são também indicadores de que algumas populações são mais vulneráveis por conta do preconceito e discriminação existentes em nossa sociedade.

- Atualmente, mesmo a escola trabalhando a prevenção nas aulas de ciências e biologia, muitas vezes, a relação entre *sexo* e *prazer* fica de fora. Enfatize que um grande desafio que temos pela frente é o de dissociar a prevenção da doença. Ou seja, falar sobre prevenção e proteção como forma de se obter ainda mais prazer em um relacionamento, sem fazer terrorismo.
- Peça que os educadores se subdividam em grupos com quatro pessoas e que, rapidamente, rascunhem um plano de aula sobre a prevenção das DST/HIV/aids. Dê 15 minutos para esse planejamento.
- Terminado o tempo, peça que apresentem seus planos de aula. Abra para a discussão sobre as ideias que os grupos apresentaram.
- Encerre indicando algumas leituras e atividades que fazem parte do kit 2012: os CDs *HQ SPE*, *Adolescentes e jovens para a educação entre pares* e *Manual de prevenção para as DST/Aids em comunidades populares*.

Roda de conversa – Prevenção é a melhor coisa do mundo!

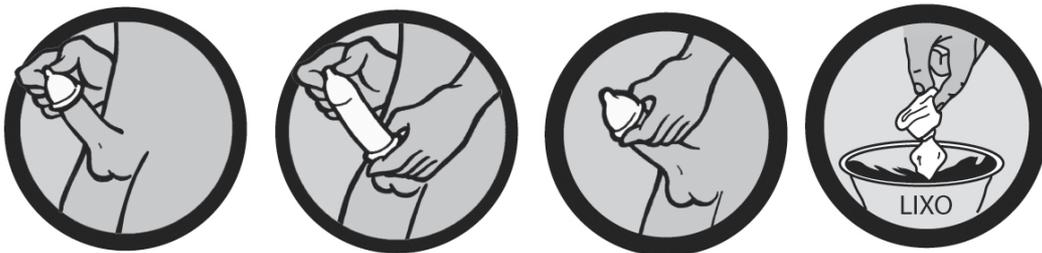
Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Reconhecer quais os sinais e os sintomas das doenças sexualmente transmissíveis e as formas de prevenção	Quadro, papel, canetas, figuras com cabeça de um galo, com cachorro se coçando, torneira pingando, tomate, bolhas de sabão, pimenta, criança chorando com o joelho machucado; fita adesiva ou cola; preservativos femininos e masculinos	1 hora	A partir do 6º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Antes de reunir o grupo, recorte de revistas, imprima da internet ou desenhe as seguintes figuras: cachorro se coçando, galo, bola, pimenta, tomate, bolhas de sabão, fogueira, torneira pingando e pessoas com cara de dor ou de cansaço.
- Quando estiver com o grupo, comente que, provavelmente, todos já ouviram falar de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e que mais importante do que saber o nome de cada uma delas é conhecer os sinais (o que se vê) e os sintomas (o que se sente) para procurar um profissional da saúde caso elas apareçam.
- Coloque uma folha de papel grande na parede e peça que eles e elas falem quais são os sintomas e os sinais que acham que as DST provocam. Conforme eles forem falando, em vez de escrever o que falaram, cole as figuras no papel:
 - Coceira** = cachorro se coçando.
 - Corrimento** = torneira pingando
 - Vermelhidão nos genitais** = tomate
 - Ardor ao urinar** = pimenta
 - Bolhas nos genitais** = bolhas de sabão
 - Verrugas** = crista de galo
 - Febre** = fogueira
 - Dor ou indisposição** = pessoa com cara de cansada e com dor.
- Quando terminar a colagem, abra para a discussão perguntando:
 1. *Por que não se deve tratar uma DST com o remédio que o amigo ou a amiga usou e sim procurar um médico?*
 2. *Além de procurar ajuda médica, o que o adolescente deve fazer quando descobre que está infectado por uma DST?*
 3. *Como é contar para seu/sua namorado/a que você está com uma DST e que pode ter passado para ele/ela? E se não for o/a namorado/a?*

- Comente que a aids também é doença sexualmente transmissível, mas que não tem nenhum sintoma e nenhum sinal visível. A única forma de se saber se está infectado pelo HIV é fazendo um exame de sangue. Enfatize que, para ter relações sexuais sem perigo de se infectar, tanto as meninas quanto os meninos têm que usar a camisinha feminina ou masculina desde o início da relação sexual e desde a primeira relação sexual.
- Encerre apresentando a camisinha masculina e a feminina e demonstrando como colocá-las. Informe que nos serviços de saúde as camisinhas são distribuídas gratuitamente.

Preservativo masculino



Preservativo feminino



Oficina – Quero ou não quero?

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Fortalecer o entendimento de que a negociação e a argumentação são necessárias para o cuidado consigo e com o outro.	Quatro tiras com os sexos e as situações que deverão defender; uma folha de papel e um lápis para cada grupo	1 hora	A partir do 7º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Divida o grupo em quatro equipes e explique que cada uma delas irá receber uma tira de papel especificando o sexo de uma pessoa (se é homem ou mulher) e se essa pessoa quer ou não quer ter uma relação sexual.
- Explique que cada uma dessas situações exigirá do grupo um levantamento de argumentos favoráveis a essa ideia. Ou seja, cada grupo deverá fazer uma lista com os motivos para se fazer ou não fazer determinada coisa.
- Distribua as tiras e peça que “incorporem” a situação pensando como um homem ou uma mulher defenderia sua posição.
- Quando todos os grupos tiverem sua lista com as argumentações, peça que formem dois grupos:
 - o de **HOMENS – 1** com **MULHERES – 2** e
 - o de **HOMENS – 2** com **MULHERES – 1**.
- Quando os alunos estiverem organizados em dois grupos, explique que eles deverão negociar se querem ou não ter uma relação sexual com base nos argumentos levantados.
- Dê 10 minutos para esta negociação entre os dois grupos (H1 + M2 e H2 + M1) e, em seguida, peça que cada grupo conte como foi a conversa com o outro grupo. Pergunte, também, como se sentiram participando dessa atividade.
- Abra para o debate a partir das seguintes questões:
 1. O que é argumentar?
 2. O que é negociar?
 3. Em quais situações da vida vocês costumam negociar? Com seus familiares? Com seus amigos? Com os “ficantes” ou namorados? Como fazem isso?
 4. Vocês se preparam para uma conversa em que terão de convencer uma pessoa a fazer o que vocês querem? Se sim, como? Se não, por quê?

- Encerre a atividade explicando que negociar não quer dizer ganhar a todo custo sem buscar a melhor situação para ambas as partes e, sim, procurar uma solução que seja adequada para as duas partes. Além disso, em qualquer situação em que nós desejamos ou não fazer alguma coisa, é preciso antes pensar nos motivos pelos quais queremos ou não fazer aquilo. E a isso se chama argumentação. Já a negociação consiste em se buscar a melhor solução para ambas as partes.

Tiras



.....
Grupo HOMEM 1 – os motivos alegados pelos meninos para convencer uma menina a **ter** relações sexuais com ele.



.....
Grupo HOMEM 2 – os motivos alegados pelos meninos quando **não querem** ter relações sexuais com uma menina.



.....
Grupo **MULHER 1** – os motivos alegados pelas meninas para convencer um menino a **ter** relações sexuais com ela.



.....
Grupo **MULHER 2** – os motivos alegados pelas meninas quando **não querem** ter relações sexuais com um menino.



Jogo – Cuidado e autocuidado

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Reforçar as formas de se prevenir das DST/aids e a importância da testagem.	Cartelas, lápis e borracha	1 hora	A partir do 5º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Pergunte ao grupo se eles conhecem um jogo chamado batalha naval. Se alguém conhecer, peça que explique para os outros.
- Informe que o jogo que faremos tem os mesmos princípios da batalha naval só que, em vez de atingirmos submarinos e navios, a ideia é “acertar” as formas de que se dispõe de prevenção.
- Peça que formem duplas e distribua as cartelas quadriculadas, sendo que o *jogador 1* deverá preencher os quadrinhos com os desenhos que represente situações de cuidado e a quantidade de vezes que estará no desenho do papel quadriculado.

Camisinha feminina (2 vezes)	■	■	■	■	
Camisinha masculina (5 vezes)		■			
	■		■		
Teste anti-HIV (1 vez)	■	■	■	■	■
Seringas descartáveis (4 vezes)		■			
Não transar (3 vezes)	■	■			

- O *jogador 2*, por sua vez, terá que adivinhar os quadrados em que as formas de prevenção estarão apresentadas, escolhendo uma letra que vai de **A** a **P** e um número que vai de **1** a **15**. Quando o *jogador 2* acertar, o *jogador 1* dirá **proteção** e quando não acertar dirá **água**. Os dois jogadores deverão marcar o quadrado que foi escolhido, independente de ter se acertado ou não.
- Dê 15 minutos para cada jogo e, depois, distribua novas cartelas e troque os jogadores. Quem foi inicialmente o **jogador 1**, vira **jogador 2** e vice-versa.
- Encerre explicando as formas como uma pessoa pode se proteger da infecção pelo HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis.

Jogador 1

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	
A																A
B																B
C																C
D																D
E																E
F																F
G																G
H																H
I																I
J																J
L																L
M																M
N																N
O																O
P																P
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	

Jogador 2

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	
A																A
B																B
C																C
D																D
E																E
F																F
G																G
H																H
I																I
J																J
L																L
M																M
N																N
O																O
P																P
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	

Educação entre pares – Mensagem para você

Objetivo	Materiais	Tempo	Público
Reforçar a importância do cuidado com o próprio corpo e com a saúde.	Celulares, internet	1 hora	A partir do 6º ano do Ensino Fundamental

Passo a passo

- Inicie o encontro perguntando quem tem celular ou acesso à internet.
- Explique que a proposta é lembrar nossos colegas e amigos sobre a importância de cada um cuidar de si, das pessoas que estão à sua volta, de quem se ama e da comunidade da qual faz parte. Saliente que faremos isso utilizando mensagens que poderão ser enviadas por SMS, por e-mail, pelos sites de relacionamento – Orkut, Messenger, FaceBook, Twitter, entre outros – ou por bilhetinhos.
- Solicite que formem grupos e que cada grupo elabore uma mensagem sobre a prevenção das DST/aids. Lembre-os que, mesmo sendo pequena, uma mensagem precisa:
 1. definir para quem será enviada: adolescentes? familiares? meninas, meninos?
 2. ter uma linguagem simples e utilizar palavras que todo mundo entenda;
 3. ser curta, objetiva e provocar a reflexão em quem a recebe.
- Dê alguns exemplos de mensagens: *Quem ama usa camisinha e quem não ama usa também!* ou *Tome uma atitude: use camisinha!*
- Quando todos os grupos terminarem, peça que apresentem suas mensagens e que escolham as que respeitaram os critérios – simples, curta, capaz de provocar reflexão. Se possível, leve-os para a sala de informática para enviarem a mensagem a seus amigos por e-mail ou site de relacionamentos, por celular e/ou que escrevam a mensagem em tiras e as distribuam.
- Encerre, lembrando que prevenção não se faz só no Carnaval ou 1º de dezembro, o Dia Mundial de Luta contra a Aids, e que é muito importante postar ou enviar mensagens para os amigos, voltadas tanto para o cuidado consigo e com o outro quanto para a resolução dos problemas sem o uso da violência.

NAVEGUE MAIS

Homens jovens e prevenção de HIV

<http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2010/03/homens-jovens-prevencao-hiv-portugues.pdf>

Doenças sexualmente transmissíveis – <http://www.aids.gov.br/pagina/dst-1>

HIV e aids – <http://www.aids.gov.br/pagina/aids-0>

Hepatites virais – <http://www.aids.gov.br/hepatites-virais>

Replicação do HIV no corpo humano e ação dos medicamentos antir-retrovirais <http://www.youtube.com/watch?v=7O21WoS4wMI>

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PREVENTIVA

O Departamento de Educação Preventiva faz parte da Gerência de Educação e Cidadania e tem como objetivo implementar na rede estadual de ensino um programa de educação continuada que propicie condições para o desenvolvimento e o estabelecimento de valores éticos, para a discussão sobre o cuidado, o respeito a si e ao outro, para a responsabilidade, a autonomia e a justiça. Abordando aspectos da sexualidade, gravidez na adolescência, diversidade sexual, redução do uso indevido de drogas, violência, penas alternativas e prevenção das DST e do HIV, o Departamento contribui para a diminuição da vulnerabilidade de crianças e jovens, articulando-se com as esferas federal, estadual e municipal. Suas ações acontecem por meio de reuniões técnicas junto às Diretorias de Ensino, favorecendo a integração da escola com a comunidade como prática no processo de construção da cidadania. Essas orientações são subsidiadas por materiais específicos que facilitam a inserção das ações de prevenção nas propostas pedagógicas das escolas de Ensino Fundamental e Médio. O eixo metodológico das ações preventivas referenda-se na proposta de transversalidade contida nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Projetos em andamento

Comunidade Presente

O Projeto Comunidade Presente foi criado pela SEE/FDE em 1998, em um momento histórico-social do Estado de São Paulo que exigia que a prática educacional direcionasse um olhar diferenciado para as diversas manifestações da violência nas escolas. Seu objetivo é promover a participação responsável da comunidade na discussão de temas relacionados aos direitos humanos, ética, cidadania, resolução pacífica de conflitos – por meio de ações articuladas entre as associações de pais e mestres, os conselhos de classe, série e ciclo, grêmios estudantil e instituições parceiras da escola –, na busca por estratégias, formas de comunicação não violenta e pela melhoria da convivência no ambiente escolar

Prestadores de Serviços Gratuitos à Comunidade

Iniciado em 1989, este projeto objetiva a reintegração social de réus e réas primários e com bons antecedentes que receberam o benefício da substituição da pena privativa de liberdade pela alternativa privativa de direitos, prestando serviços gratuitos à comunidade. Contempla, da mesma forma, cidadãos e cidadãs que cometeram delitos considerados leves e não apresentam quaisquer indícios de periculosidade, sendo beneficiados pela Lei nº 9099/95, que possibilita a liquidação de processos criminais através de transação penal mediante o cumprimento de medida alternativa de prestação de serviços comunitários. Na área da Educação, supre as unidades escolares e/ou Diretorias de Ensino com mão de obra variada (auxiliares: de serviços gerais, de cozinha, de escritório,

de portaria, de informática, de inspeção de alunos, de biblioteca, eletricitas, pintores, encanadores, pedreiros, jardineiros e outros). De 1989 a 2011 foram atendidos mais de 12 mil prestadores de serviços que atuaram em cerca de 1.400 unidades escolares da rede pública estadual de ensino.

Prevenção Também se Ensina

Este projeto tem por objetivo estabelecer, na rede estadual de ensino, uma proposta de educação permanente que propicie condições para a prevenção das situações de vulnerabilidades dos alunos em relação à gravidez na adolescência, à infecção pelas DST/HIV/aids e ao uso de álcool e outras drogas. Presente na rede pública estadual desde 1996, o projeto capacita educadores em temas relacionados ao cuidado e ao autocuidado, à prevenção ao HIV e a outras doenças sexualmente transmissíveis, por meio de reuniões técnicas e distribuição de materiais atualizados para todas as oficinas pedagógicas e escolas da rede. Desde 2005, faz parte do Grupo Gestor Estadual – em conjunto com a CGEB e o CRT – DST/Aids – do *Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas*. Este projeto, de âmbito federal, tem como estratégia a integração dos setores saúde-educação, a partir do compromisso dos gestores, responsáveis pelas políticas governamentais nas três esferas de governo – federal estadual e municipal –, consolidando uma política pública de prevenção e promoção à saúde nas escolas.

Departamento de Educação Preventiva – (11) 3158 4249

Projeto Comunidade Presente – (11) 3158 4255 e 3158 4280

Projeto Prestadores de Serviços Gratuitos à Comunidade – (11) 3158 4250

Projeto Prevenção Também se Ensina – (11) 3158 4249 e 3158 4030

MATERIAIS DIDÁTICOS DISTRIBUÍDOS PARA AS ESCOLAS E OFICINAS PEDAGÓGICAS DAS DIRETORIAS DE ENSINO

1996

A prevenção na escola: relatos de experiências – SEE/FDE

Adolescência: o despertar do sexo – Içami Tiba – Ed. Gente

Alcoolismo (O) – Ronaldo Laranjeira – Ed. Contexto

Amor e sexualidade: a resolução dos preconceitos – Luiz Cushinir e outros – Ed. Gente

Boleiros (vídeo) – Ugo Giorgetti – SP Filmes

Desafios da convivência: pais e filhos – Lídia Rosemberg Aratangy – Ed. Gente

Diário de um adolescente (vídeo) – Scott Kalvert – Vídeo Astros

Drogas: maconha, cocaína e crack – Ronaldo Laranjeira – Ed. Contexto

Drogas: mitos e verdades – Beatriz Carlini Cotrim – Ed. Ática

Drogas: o que é preciso saber para prevenir – Richard Bucher – Ministério da Saúde

Drogas, aids e sociedade – CN-DST/Aids do Ministério da Saúde

É ou não é (vídeo) – ECOS

Fala garota! Fala garoto! – PE-DST/Aids – Secretaria da Saúde – SP

Fresh (vídeo) – Boaz Yakin – Videolar

Mancha de batom (vídeo) – PE-DST/Aids – Secretaria da Saúde – SP

Manual do multiplicador adolescente – CN-DST/Aids do Ministério da Saúde

Meninos e meninas – Domingos Pellegrini – Ed. Ática

Mulher e aids: sexo e prazer sem medo – Regina Maria Barbosa e outros – Secretaria da Saúde – SP

Pode me beijar se quiser – Ivan Angelo – Ed. Ática

Prevenção também se ensina: um documentário (vídeo) – SEE/FDE

Prevenindo contra as drogas e DST/aids – Cartilha do educador – Richard Bucher – CN-DST/Aids do Ministério da Saúde

Revista Ideias nº 20 – SEE/FDE

Se liga: o livro das drogas – Myltaíno Severiano Silva – Ed. Record

Sexo é sexo – Rosely Sayão – Ed. Cia. das Letras
Sexualidade: a difícil arte do encontro – Lídia Rosemberg Aratanga – Ed. Ática
Sexualidade na escola – Júlio Groppa Aquino (org.)– Summus Editorial
Sociedade dos poetas mortos (vídeo) – Peter Weir – Videoteca Caras Quality
Teleconferência: drogas na escola (vídeo) – SEE/FDE
Um soco no estômago – Luiz Puntel – Ed. Palavra Mágica
Vulnerabilidades, vulneradolescente (vídeo) – José Ricardo Ayres – Fac. de Medicina da USP

2003

A família contemporânea em debate – Maria do Carmo Carvalho Brant – Editora Cortez
A tatuagem – Rogério Andrade Barbosa – Ediouro
Abaixo das canelas – Eva Furnari – Editora Moderna
Aids e alguns fantasmas no diário de Rodrigo – Jonas Ribeiro e André Neves – Editora Elementar
Aids e escola – Terezinha Pinto e Isabel Telles – Editora Cortez
Aprendendo a ser e a conviver – Margarida Serrão e Maria Clarice Baleeiro – Editora FTD
Cabelinhos nuns lugares engraçados – Babette Cole – Editora Ática
Caixa surpresa – Angela Carneiro – Ediouro
Carlota Bolota – Cristina Porto – Ediouro
10 novas competências para ensinar – Philippe Perrenoud – ArtMed Editora – 2000
Daniel/Letícia falando de aids – Casa Siloé/Grupo de Incentivo à Vida – Editora Ave-Maria
Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas – Julio Groppa Aquino – Summus Editorial
Educação: um tesouro a descobrir – Jacques Delors – Editora Cortez
Ética para meu filho – Fernando Savater – Editora Martins Fontes
Fala garoto/garota – Imesp – 2000
Gravidez na adolescência – Albertina Duarte – Editora Record

Liberdade é poder decidir – Maria de Lurdes Zemel, Maria Eliza de Lamboy – Editora FTD

Lolo Barnabé – Eva Furnari – Editora Moderna

Mamãe botou um ovo – Babette Cole – Editora Ática

Nós – Eva Furnari – Editora Global

O homem que não parava de crescer – Marina Colasanti – Ediouro

O planeta eu – Liliana Iacocca e Michele Iacocca – Editora Ática

Os direitos humanos na sala de aula – Julio Groppa Aquino e Ulisses Ferreira Araújo – Editora Moderna

Pandolfo Bereba – Eva Furnari – Editora Moderna

Pássaro contra a vidraça – Giselda Laporta Nicolelis – Editora Moderna

Sexo e juventude – Carmem Barroso e Cristina Bruschini – Editora Cortez

Transtornos emocionais na escola – Pippa Aslop e Trisha McCaffrey – Summus Editorial – 1999

Umbigo indiscreto – Eva Furnari – Editora Moderna

Manual Apoio ao Trabalho Preventivo na Escola e na Comunidade – Equipe dos Projetos – FDE

2007

Menino brinca de boneca – Marcus Ribeiro – Editora Moderna

Primeira vez – Ivan Jaf – Editora Moderna

Viver positivamente – Instituto Kaplan – Editora Vardi

Os 11 sexos – Ronaldo Pamplona – Daniel Toyóiti Kond Produções

Limites sem trauma – Tânia Zagury – Distribuidora Record

Resolução de conflitos e aprendizagem emocional – Genoveva Sastre e Montserrat Moreno – Editora Moderna

Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentido – Maria Tereza Maldonado – Editora Saraiva

A sociedade da insegurança e a violência na escola – Flavia Schilling – Editora Moderna

Reunião de pais: sofrimento ou prazer? – Althun Beate e outros – Casa do Psicólogo

Minha vida de João – Vídeo e CD-ROM – Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género

Drogas – prevenção à dependência química – LOG-ON – Editora Multimídia

Manual Práticas e Valorização das Ações Preventivas; Subsídios para o Educador – Equipe dos Projetos – FDE

2009

A adolescência – Contardo Calligaris – PubliFolha

O corpo das garotas – Jairo Bouer – Panda Books

O corpo dos garotos – Jairo Bouer – Panda Books

Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens – CORSA/ECOS

Era uma vez uma outra Maria – DVD e manual – Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género

Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz – Cleo Fante – Ed. Versus

Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas – Cebrid

Medo de quê? – DVD e manual – Instituto Promundo/Ecos/Papai/Salud y Género

Saúde e Prevenção nas Escolas – Diretrizes e Guia para o Educador – Ministério da Saúde/Ministério da Educação/Unesco/Unicef/UNFPA

Sexo & Cia: as dúvidas mais comuns (e as mais estranhas) que rolam na adolescência – Jairo Bouer – PubliFolha

Violência urbana – Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida – PubliFolha

Preconceito e discriminação no contexto escolar: guia de atividades preventivas para HTPC e sala de aula

2012

A B C D E das hepatites virais para agentes comunitários de saúde – Ministério da Saúde

Adolescente: um bate-papo sobre sexo – Marcos Ribeiro – Editora Moderna

Adolescentes, jovens para a educação entre pares – Unicef, Unesco, UNFPA, Unaid, Ministério da Educação, Ministério da Saúde

Álcool, cigarro e drogas – Jairo Bouer – Editora Panda Books

Anjos no aquário – Júlio Emílio Braz – Atual Editora

Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco? – Maria Tereza Maldonado – Editora Moderna

Bullying: intimidação no ambiente escolar e virtual – Alexandre Ventura e Cleo Fante – Editora Conexa

HQ SPE – Unesco, Ministério da Saúde e Ministério da Educação

Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores – Antonio Ozório Nunes – Editora Contexto

Corpo, gênero e sexualidade – Dagmar Meyer e Rosângela Soares (organizadoras) – Editora Mediação

Criança e consumo – Instituto Alana

Era uma vez uma família ... – Instituto Promundo (DVD)

Eu sou assim, viu? – Márcia Leite – Editora Formato

Jogo “Em seu lugar” – Instituto Promundo

Manual de Prevenção das DST/HIV/Aids em Comunidades Populares Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde/Programa Nacional de DST e Aids.

O jeitão da turma – Alina Perlman – Editora Saraiva

Pai? Eu? – Tânia Alexandre Martinelli – Atual Editora

Preconceito contra a mulher: diferença, poemas e corpos – Sandra Azerêdo – Cortez Editora

Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade – Marco Aurélio Máximo Prado e Frederico Viana Machado – Cortez Editora

Uso de drogas e prevenção: da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidade – Marcelo Sodelli – Editora Iglu

Sugestões de Atividades dos Projetos Comunidade Presente e Prevenção Também se Ensina para HTPC e sala de aula

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Helena. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ARRUDA, Silvani; UNBEHAUM, Sandra. *Guia de formação para mulheres: mulheres e cidadania ativa: construindo políticas de igualdade..* São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2005.

ARRUDA, Silvani. WESTIN, Caio. *HQ SPE: um guia para utilização em sala de aula*. Brasília: Unesco, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001882/188264por.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente* (Lei nº 8.069, de 13/07/90). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 12 out. 2011.

CEBRID. VI Levantamento Nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 26 capitais brasileiras e DF. São Paulo: Cebrid/ Secretaria Nacional Antidrogas, 2010.

ECOS. *Educação em sexualidade: uma proposta de trabalho com garotas e garotos de 10 a 14 anos*. São Paulo: Ecos, 2008.

INSTITUTO PROMUNDO. *Adolescentes, jovens e educação em sexualidade: um guia para ação*. Rio de Janeiro: Promundo, 2011. Disponível em: <<http://www.promundo.org.br/wp-content/uploads/2011/07/Toolkit-1.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2011.

INSTITUTO SOU DA PAZ. *Gênero fora da caixa: guia prático para educadores e educadoras*. São Paulo: Instituto Sou da Paz, 2011.

PROJETO SEGURANÇA HUMANA. *Adolescentes e participação política*. São Paulo: Unicef, 2010. Disponível em: <<http://www.projetosegurancahumana.org/arquivos/hqr7u4.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.

_____. *Eu comunico, tu comunicas, nós educomunicamos*. São Paulo: Unicef, 2010. Disponível em: <<http://www.projetosegurancahumana.org/arquivos/410ne0.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.

_____. *De jovem para jovem: educação entre pares*. São Paulo: Unicef, 2010. Disponível em: <<http://www.projetosegurancahumana.org/arquivos/410ne0.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.

_____. *Políticas de igualdade e incidência política: caderno da comunidade*. São Paulo: UNFPA, 2010. Disponível em: <<http://www.projetosegurancahumana.org/arquivos/3jq0dz.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2011.

_____. *Sexo e (é) muito mais*. São Paulo: Unicef, 2010. Disponível em: <<http://www.projetosegurancahumana.org/arquivos/smb124.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SARTORI, Ademilde. *Inter-relações entre comunicação e educação: a educomunicação e a gestão dos fluxos comunicacionais na educação a distância*. Disponível em: <http://www.diaadia.pr.gov.br/ead/arquivos/File/Textos/UNlrev_Sartori.pdf>. Acesso em: 21 set. 2011.

SODELLI, Marcelo. A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2010, vol. 15, n. 3, p. 637-44. ISSN 1413-8123. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000300005>. Acesso em: 6 nov. 2011.

Gerência de Educação e Cidadania

Nivaldo Leal dos Santos – Gerente

Geraldine Aparecida Nakamura

Nadir de Almeida

Departamento de Educação Preventiva

Edison de Almeida – Chefe

Jurema Reis Corrêa Panza

Norma Luciano

Valdir Sassi

Hildeliz Figueiredo

Colaboradora

Daniela Galvão Oliveira da Silva

Consultoria e redação final

Silvani Arruda

Departamento Editorial da FDE

Brigite Aubert – Chefe

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Rodrigo Faria Orlando

Revisão

Luiz Thomazi Filho

Impressão e acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Tiragem

6.000 exemplares

ISBN 978-85-87028-35-8



9 788587 028358

CONSUMO CONSCIENTE
ADOLESCÊNCIAS E SEXUALIDADE
GÊNERO E PRECONCEITOS
BULLYING E OUTRAS VIOLÊNCIAS
ÁLCOOL, TABACO E OUTRAS DROGAS
PREVENÇÃO ÀS DST/HIV/AIDS



FDE FUNDAÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO
DA EDUCAÇÃO

**GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO**
Secretaria da Educação